



Autora: Janilsa da Conceição Gomes Gonçalves

Número: 25393

Título: Delinquência Juvenil, Violência no Namoro e Aceitação-Rejeição do Parceiro Íntimo: um estudo com jovens internados em Centros Educativos Portugueses

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Ana Sofia Neves e Professora Doutora Vera Duarte – Instituto Superior da Maia

Outubro, 2013

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a todos aqueles que em diferentes graus e dimensões, contribuíram para a realização deste trabalho e todo o meu percurso acadêmico.

À Professora Doutora Ana Sofia Neves e à Professora Doutora Vera Duarte por todo o apoio e empenho que me deram ao longo da realização deste projeto.

À Doutora Márcia Machado pelo apoio a nível metodológico, pelas propostas de tratamento estatístico e pela atenção dispensada a este trabalho.

Aos meus pais, por todo o apoio, aos meus irmãos pela paciência e disponibilidade prestadas e aos meus familiares em geral.

A todos os meus colegas em especial a Elisabete Martins pelas partilhas ao longo desses dois anos.

Ao Evandro, pela força em nunca desistir e por se manter ao meu lado mesmo nos momentos mais difíceis.

A todos os meus amigos, por todos os momentos de companheirismo, pelas palavras amigas, pelo incentivo e não desistir nos momentos menos bons, pelas alegrias e frustrações partilhadas.

Aos representantes dos Centros Educativos que me acolheram de uma forma muito simpática e carinhosa e a todos os jovens que aceitaram participar neste estudo.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente fizeram parte desta etapa e me apoiaram na realização deste projeto, o meu sincero agradecimento.

Resumo

A delinquência juvenil e a violência no namoro configuram-se como problemas sociais vivenciados por milhares de jovens e adolescentes. A delinquência, a violência na intimidade, a rejeição por parte do par amoroso na adolescência é uma experiência que pode ter um impacto devastador em várias áreas da vida. Esta dissertação tem como principal objetivo perceber a relação entre a prática de comportamentos antissociais e delitivos, as crenças e as práticas de violência no namoro e a perceção de aceitação-rejeição do par amoroso junto de jovens portugueses descendentes de estrangeiros e de estrangeiros que se encontram internados em centros educativos portugueses.

A amostra foi constituída por 22 jovens, doze da nacionalidade portuguesa com ascendência estrangeira, com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos de idade, e dez jovens da nacionalidade estrangeira, com idades compreendidas entre os 15 e 18 anos, sendo que apenas dez dos 22 jovens participaram nas entrevistas. Os instrumentos utilizados na recolha de dados foram a entrevista semiestruturada, o questionário sociodemográfico, o Questionário de Condutas Antissociais e Delitivas (CAD), o *Intimate Partner Acceptance-Rejection/Control Questionnaire* (IPARQ/CQ), a Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC) e o Inventário de Violência Conjugal (IVC).

Os resultados confirmam a prática de comportamentos antissociais e delitivos tanto pelos jovens estrangeiros como pelos jovens portugueses com ascendência estrangeira internados em Centros Educativos Portugueses. Verificou-se que a prática da violência no namoro (física e emocional), quer nas relações atuais, quer nas relações passadas é também uma evidência nesta amostra. As crenças favoráveis que legitimam e banalizam a pequena violência estão presentes tanto nos jovens estrangeiros como nos portugueses, contudo são os estrangeiros que mais banalizam e legitimam a pequena violência. Verifica-se que a hostilidade é a dimensão da rejeição mais presente nas relações; verifica-se também que a rejeição total é a dimensão da rejeição mais frequente no grupo dos jovens portugueses do que no grupo de jovens estrangeiros.

Palavras-chaves: Delinquência juvenil, violência no namoro, centros educativos, aceitação e/ou rejeição do par amoroso, jovens estrangeiros, jovens portugueses com descendência estrangeira.

Abstract

Juvenile delinquency and violence in a relationship appears as a social problem experienced by thousands of young people and adolescents. Delinquency, violence in intimacy, rejection by the loving one in adolescence is an experience that can have a devastating impact in several areas of life. This dissertation has as main objective to perceive the relation between the practice of anti-social and criminal behaviors, beliefs and practices of dating violence and perceptions of acceptance-rejection of the loving one with young foreigner's and descendent of foreigner's that are institutionalized in Portuguese Educational Centers.

The sample was constituted by 22 young people 12 of the Portuguese with foreign descent with ages ranging between 14 and 18 years and 10 young of foreign nationality with ages ranging between 15 and 18 years, and the instruments used in data collection were: documental analysis of processes, semi-structured interview, socio-demographic questionnaire, Behaviors Questionnaire Anti-Social and criminal behaviors (CAD), Intimate Partner Acceptance-Rejection/Control Questionnaire (IPARQ / QC), Beliefs Scale of Marital Violence (ECVC) and the Inventory of Marital Violence (IVC).

The results show that there is a high prevalence of antisocial behavior and criminal behaviors in young foreigners as in the young Portuguese with foreign descendent interned in Portuguese Educational Centers. Similarly was found that violence (physical and emotional) in current relationships and past relationships are a dominant in this sample.

Favorable beliefs that legitimize and banalize the small violence is present as in young foreigners as in young Portuguese with foreigner's descendent however most are foreigners who banalize and legitimize small violence. The hostility is the most prevalent dimension of rejection in relationships; the total rejection is more prevalent in the group of young Portuguese than in the group of young foreigners.

Key-words: Juvenile delinquency, dating violence, educational centers, acceptance-rejection of the loving couple, young foreigners, young Portuguese with foreign descent

Lista de abreviaturas

APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

CAD- Questionário de condutas antissociais e delitivas

CE- Centro Educativo

CEC- Centro Educativo Coimbra (Olivais)

CEL- Centro Educativo Lisboa (Padre António de Oliveira)

CEM- Centro Educativo Mondego

CEMA- Centro Educativo Madeira

ECVC- Escala de crenças sobre violência conjugal

GNR- Guarda Nacional Republicana

IPARQ- Questionário de Aceitação-Rejeição\Controlo do Parceiro Íntimo

IVC- Inventário de violência conjugal

LTE- Lei Tutelar Educativa

PP- Promoção e Proteção

PSP- Polícia de Segurança Pública

QSD- Questionário sociodemográfico

RASI- Relatório Anual da Segurança Interna

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract	iii
Lista de abreviaturas	iv
Índice de tabelas	vii
Introdução	1
Parte I – Enquadramento teórico.....	3
Capítulo I- Delinquência juvenil.....	3
1- Breve definição e características gerais da delinquência juvenil	3
2- Estatísticas da delinquência Juvenil	5
a- Teorias explicativas da delinquência juvenil.....	6
b- Delinquência juvenil praticada por jovens estrangeiros e jovens portugueses com ascendência estrangeira	7
Capítulo II- Violência no namoro	10
1- Definição da violência.....	10
2- Violência de género.....	10
2.1- Violência no namoro	11
2.1.1- Teorias explicativas da violência no namoro	13
2.1.2- Evidências empíricas	15
2.2- Delinquência juvenil e violência no namoro: que relação?.....	17
1- Teoria da aceitação-rejeição interpessoal.....	19
2- Relação entre a delinquência e a aceitação-rejeição interpessoal	20
Parte II- Método	23
1- Objetivos do estudo.....	23
1.1- Objetivo geral:.....	23
1.2- Objetivos específicos:	23
2- Caracterização dos participantes	24
3- Instrumentos/Técnicas de recolha de dados	25
3.1- Análise documental	25
3.2- Entrevista semiestruturada	26
3.3- Questionário de condutas antissociais e delitivas.....	27
3.4- <i>Intimate Partner Acceptance-Rejection/Control Questionnaire (IPARQ/CQ)</i>	27
3.5- Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal (ECVC)	28
3.6- Inventário de Violência Conjugal (IVC)	28

4- Procedimentos	29
5- Apresentação dos resultados	30
5.1- Resultados – Dados qualitativos	30
5.2- Resultados – Dados Quantitativos.....	38
5.2.1- Caracterização dos comportamentos delinquentes e dos comportamentos antissociais	38
5.2.2- Caracterização da violência no namoro (física e emocional).....	39
5.2.3- Crenças sobre a violência no namoro.....	42
5.2.4- Caraterização dos níveis de aceitação e rejeição do parceiro amoroso	43
6- Discussão dos resultados.....	44
Referências	49
Anexos.....	67

Índice de tabelas

Tabela 1:.....	38
Tabela 2:.....	39
Tabela 3:.....	40
Tabela 4:.....	41
Tabela 5:.....	43
Tabela 6:.....	43
Tabela 7:.....	43

Introdução

A presente dissertação de mestrado propõe-se estudar a relação entre a prática de comportamentos antissociais e delitivos, as crenças e práticas de violência no namoro e a perceção de aceitação-rejeição do par amoroso junto de jovens portugueses descendentes de estrangeiros e de estrangeiros que se encontram internados em centros educativos portugueses. A escolha do tema prende-se com o facto de este ser atual e estar cada vez mais presente na nossa sociedade.

O estudo do comportamento violento nas relações juvenis é de grande importância, não só pela sua prevalência alarmante e consequências na saúde física e mental das vítimas, mas também porque elas são produzidas numa fase da vida em que as relações românticas se iniciam (González-Ortega, Echeburúa & Corral, 2008; Werkerle & Wolfe, 1999). Por isso cada vez mais tem-se verificado uma expansão dos estudos relacionados com este tema, principalmente nas duas últimas décadas (Caridade, 2008). A violência entre pessoas ligadas por laços de intimidade não é um fenómeno recente (Caridade & Machado, 2006), porém durante muito tempo foi considerada uma vivência normal no seio das relações. Contudo, atualmente há uma maior sensibilidade e intolerância face a estes comportamentos violentos e isto faz com que a sua existência seja mais publicitada e evidenciada, facilitando a identificação e intervenção de situações a esse nível (Dias, 2004; Oliveira & Sani, 2009).

Apesar de ser um tema bastante atual e pertinente, a delinquência e vitimação relacionada com os estrangeiros e jovens portugueses descendentes de estrangeiros internados em Centros educativos Portugueses têm sido pouco exploradas, pelo que estudos relacionados com estes constructos são sempre uma mais-valia na medida em que servem para conhecer melhor esta realidade, e assim, adotar medidas mais adequadas e eficazes para a prevenção da delinquência e vitimação.

As relações existentes entre a delinquência, vitimação e institucionalização são amplamente discutidas especialmente nos processos em que a criminalidade aparece ligada à pobreza (Carvalho, 2010). Estes fenómenos em estudo são considerados atualmente graves problemas a nível mundial, visto que afetam todas as culturas e sociedades, em geral. É necessário contudo desmistificar algumas crenças erróneas associadas a esta problemática. Assim, é de sublinhar que os casos de delinquência juvenil e violência no namoro não ocorrem somente em classes menos favorecidas.

Toda a sociedade, independentemente da etnia, crença, poder económico, cultura, escolaridade, está sujeita a estes fenómenos (Carvalho, 2005; Lisboa, 2008)

Esse trabalho pretende demonstrar que para enfrentar os problemas relacionados com a delinquência e vitimação dos jovens é necessário um conhecimento aprofundado sobre este fenómeno, sendo necessário conhecer a globalidade do problema, identificar os seus traços e dinâmicas por forma a intervir precoce e ajustadamente. Para isso é necessário uma mobilização da sociedade, o envolvimento da família, a mobilização do estado na implementação das estratégias de prevenção e proteção e potenciamento das redes sociais de apoio á família.

O presente trabalho encontra-se estruturado em três partes. A primeira parte encontra-se subdividida em três capítulos. No primeiro e segundo capítulo abordaremos os temas relacionados com as condutas desviantes nos adolescentes, especialmente a questão da delinquência juvenil, violência no namoro e a relação existente entre esses dois constructos. O terceiro capítulo faz referência à teoria da aceitação-rejeição interpessoal e a sua relação com a delinquência juvenil e a violência no namoro. A segunda parte desta dissertação diz respeito ao estudo empírico, que por sua vez está estruturada em seis pontos: os objetivos, a descrição dos instrumentos utilizados, a descrição dos procedimentos, a caracterização da amostra, a apresentação dos resultados e a sua discussão. Na terceira e última parte, apresentamos as conclusões resultantes deste estudo, nas quais se acredita ter respondido ao problema da pesquisa, assim como à obtenção de novos conhecimentos a respeito do tema. Deixamos também em aberto algumas questões que poderão fazer antever uma continuidade a nível do trabalho de investigação realizado, tanto a nível teórico como prático.

Parte I – Enquadramento teórico

Capítulo I- Delinquência juvenil

O presente capítulo tem como objetivo fazer uma breve análise das várias definições da delinquência juvenil, as estatísticas, as teorias explicativas da temática e por fim fazer uma descrição sobre o estado da arte tanto ao nível nacional como internacional.

1- Breve definição e características gerais da delinquência juvenil

A definição de delinquência juvenil continua a ser um processo em curso no qual o consenso ainda não foi encontrado devido à sua imprecisão. A própria terminologia utilizada pelas várias perspetivas científicas nem sempre é coerente com o contexto em causa. Na tentativa de superar alguns destes obstáculos e chegar a uma definição eficaz do ponto de vista operacional, diversos autores propuseram várias definições da delinquência juvenil.

Um dos fatores que está na base dos problemas relacionados com a definição da delinquência juvenil é a subjetividade contida na expressão da classe social e económica do delinquente (Redondo & López, 2005; Sprinthall & Collins, 1999). Por isso, Carvalho (2010) afirma que qualquer abordagem à delinquência juvenil tem que levar em consideração o contexto social em que o jovem está inserido e as dificuldades que afetam o seu percurso.

Negreiros (2001) considera que o termo delinquência pode ser definido tanto em função dos critérios jurídico-penais, sendo delinquente o indivíduo que praticou atos dos quais resultou uma condenação pelos tribunais, como pode também confundir-se com a definição de comportamento antissocial, assumindo, desse modo, uma maior amplitude.

Para Carvalho (2010) a delinquência juvenil diz respeito à prática de violação das normas, dos valores socioculturais e jurídicos de uma determinada sociedade cometidos por indivíduos que, devido à idade, são considerados inimputáveis perante a lei penal, ficando assim, sob a legislação da infância e juventude (Bartol & Bartol, 2009; Feijó & Assis, 2004; Johnson & Menard, 2012; Relatório Anual de Segurança Interna - RASI, 2011).

Em Portugal, qualquer infração cometida por indivíduos de idade inferior a 16 anos, mesmo que a lei penal a possa qualificar como crime, a criança ou jovem é considerada inimputável, isto é, não pode ser submetida a julgamento criminal que leve à execução de uma pena de prisão, sendo conduzida apenas às instituições educativas ou de medidas de proteção (Carvalho, 2010). Assim, só a partir dos 16 anos de idade é que um jovem pode ser responsabilizado pelos seus atos/crime perante a lei penal. Este limite de idade é importante para perceber a diferença entre o conceito da delinquência e crime e depende da forma como a sociedade encara a infância e a juventude, não podendo a reação social ser dissociada delas (Carvalho, 2013; CFCE, 2012).

Muitos autores defendem que a maioria dos comportamentos disruptivos é aprendida no seio das comunidades onde as instituições de controlo social se vêem incapazes de exercer o devido controlo (Carvalho, 2000; Oesterle, 2012; Perren & Hornung, 2005; Santos et al., 2010), onde a estrutura familiar é dissociada (Waegel, 1989), as relações conjugais são conflituosas (Assis & Constantino, 2005), o investimento na vida familiar é fraco, o vínculo entre os membros da família é deficiente, as características parentais são desviantes e onde a disciplina é irregular (Aebi, 2003; Bartol & Bartol, 2009; Farrington, 2002; Le Blanc, Ouimet & Szabo, 2008; Spohn & Kurtz, 2011; Wong, Slotboom & Bijleveld, 2010).

Da mesma forma que o contexto familiar a escola desempenha um papel especial tanto na inibição como na adoção de comportamentos disruptivos, isto porque é na escola que as crianças estabelecem as primeiras relações interpessoais sem supervisão dos pais, e essas relações podem ser quer positivas quer negativas (Agnew, 2003, as cited in Powell, Perreira & Harris, 2010; Farrington, 2002; Fonseca, 2003; Hawkins, et al., 2000; Loeber & Farrington, 2001; Oesterle, 2012).

A associação a grupos de pares desviantes é também amplamente apontada na literatura como sendo um fator de risco para o envolvimento nas condutas delinquentes, isto porque a ligação aos pares constrói-se com base na comunicação mútua e na confiança, que favorecem a assimilação afetiva aos amigos, daí a tendência dos jovens em adotar comportamentos idênticos aos dos pares desviantes (Bagwell et al., 2001; Blanc, 2008; Cusson, 2007; Farrington, 2002; Fite & Colder, 2007; Hawkins et al., 2000; Oesterle, 2012; Rutter, Giller & Hagell, 2000; Wong, Slotboom & Bijleveld, 2010).

Os fatores comunitários tais como a pobreza, a desorganização social, a facilidade no acesso às drogas e armas de fogo, a exposição à violência, a discriminação

racial, leis e normas favoráveis à violência e os frequentes retratos da violência nos media podem contribuir para o aumento do crime e da violência (Brewer et al., 1995, as cited in Hawkins et al., 2000; Leal, 2010; Martins, 2005; Mersky & Reynolds, 2007; Oesterle, 2012). O adolescente ao estar inserido num ambiente instável e desfavorecido, onde o tráfico, roubos, o consumo de drogas, os maus-tratos e a prostituição são conotados como condutas positivas, o jovem tende a interpretar esses comportamentos como sendo normativos, adotando-os (Farrington, 2002; Loeber & Farrington, 2001; Silveira, 1999).

2- Estatísticas da delinquência Juvenil

As estatísticas oficiais portuguesas não registam as etnias dos delinquentes/criminosos, indicam somente a nacionalidade, com o intuito de não reforçar os estereótipos existentes em torno dos estrangeiros e/ou pessoas pertencentes a comunidades étnicas (Cunha, 2010). Longe de se poder constituir como um facto objetivo e completo que abarca toda uma realidade social, as estatísticas oficiais relativas à delinquência juvenil em Portugal são construções sociais ancoradas a determinados quadros jurídicos, variáveis no tempo e no espaço (Carvalho, 2010, 2013).

Os dados estatísticos divulgados pelo RASI apontam que, no ano de 2010, foram registadas pela Guarda Nacional Republicana (GNR) e pela Polícia da Segurança Pública (PSP) um total de 3.880 de ocorrências relacionadas com a delinquência juvenil, sendo que a maioria desses casos foram registados nas áreas urbanas especialmente nas zonas metropolitanas. Em 2011 os dados sofreram um decréscimo em relação ao ano 2010. Foram registados, um total de 1.978 casos, representando uma diminuição de 1.902 ocorrências (-49%) (RASI, 2012). Já no ano 2012 os dados aumentaram, tendo sido registados pela GNR e pela PSP um total de 2.035 casos, representando um aumento comparativamente com o ano 2011 de 57 ocorrências (+2,88%) (RASI, 2013).

Relativamente aos jovens que se encontram internados nos centros educativos os dados revelam que no mês de março do corrente ano (2013) o número total era de 287 jovens, dos quais 29 (10%) são do sexo feminino e 258 (90%) do sexo masculino. Os crimes contra a propriedade, roubo e furto apresentam uma percentagem maior do que os outros tipos de crime (68%), seguido de crimes contra a integridade física (30%) (Ministério da Justiça, 2011).

a- Teorias explicativas da delinquência juvenil

As diversas explicações apresentadas sobre as causas do desenvolvimento dos comportamentos disruptivos espelham a complexidade do fenómeno em estudo, uma vez que remetem a fatores biológicos, psicológicos e sociológicos.

De acordo com a perspetiva biológica, o comportamento delinquente e a criminalidade são hereditários, causados por um mecanismo interno individual. A criminalidade pode ser explicada com base na biologia do indivíduo (Bartol & Bartol, 2009; Gonçalves, 2008; Oliveira & Sani, 2009).

A abordagem psicológica incide sobretudo no funcionamento interno do indivíduo e na sua personalidade (González, 2003). Esta abordagem enfatiza as influências intrínsecas dos indivíduos, as motivações internas, as necessidades, entre outras características. Esta abordagem não retira a pertinência das explicações sociológicas, mas antes complementa-as com a análise das relações interpessoais (Collado & García, 2005)

A perspetiva sociológica procura explicar o comportamento delinquente com base em dois modelos teóricos: o do controlo social e o da identidade e/ou subcultura (Benavente, 2002; Laranjeira, 2007). Nesta perspetiva o crime é visto como um fenómeno social amplamente influenciado pelas variáveis externas que atuam sobre um vasto número de indivíduos (e.g. variáveis socioeconómicas, culturais, ambientais etc.), onde a pobreza e a desigualdade social desempenham um papel significativo no envolvimento das práticas delitivas.

De acordo com os objetivos projetados e para a melhor compreensão do fenómeno em estudo (delinquência juvenil nos jovens estrangeiros e nos jovens portugueses com ascendência estrangeira), passaremos a apresentar as principais teorias que, a nosso ver, são as que melhor explicam o tema em análise. São elas a teoria da desorganização social e a teoria da associação diferencial

Segundo um estudo desenvolvido por Shaw e Mckay (1931), a desorganização social é o resultado das mudanças sociais provocadas pela industrialização, crescimento urbano e imigração, isto porque, estes fenómenos tendem a enfraquecer as redes de regulação e de controlo social, funcionando assim, como agentes facilitadores para a ocorrência de crimes e uma tradição delinquente (Bartol & Bartol, 2009; Gonçalves, 2002; Martinez & Lee, 2004; Oliveira, 2008). A teoria da desorganização social desenvolve-se em torno das comunidades locais, baseando-se sobretudo no fracasso e na desorganização das estruturas e instituições sociais (Cerqueira & Lobão, 2004). Esta

teoria atribui especial atenção à rutura dos controlos institucionais convencionais existentes na comunidade e à incapacidade das organizações, grupos ou indivíduos resolverem os problemas comunitários de forma coletiva, levando ao estabelecimento de padrões criminais, que substituiriam os convencionais (Assiz & Souza, 1999; Dias & Andrade, 1997).

A teoria da associação diferencial defendida por Sutherland e Cressey, (1966) considera que a família, os grupos de amigos e a comunidade em geral ocupam um papel central na forma de agir perante o crime, isto porque, é através do processo da comunicação e das interações pessoais que o indivíduo aprende a exibir comportamentos favoráveis ou desfavoráveis face ao crime (Aebi, 2003; Bartol & Bartol, 2009; Cerqueira & Lobão, 2004; Duarte, 2011; Sutherland, 1973). Considera que a prática de crimes mais do que uma ação conduzida pelo impulso, motivação e atitude, é principalmente movida pela presença de definições favoráveis ou desfavoráveis da prática de atos ilegais. Desta forma as pessoas que optam pela via da delinquência/criminalidade são as que possuem um excesso de definições favoráveis à prática de crime (Gonzalez, 2003; Megens & Weerman, 2012; Siegel, 2012; Steven et al., 2011). Esta teoria defende que a delinquência é aprendida através da exposição aos comportamentos e ações desviantes dos outros (roubo, consumo de substâncias, abandono escolar, etc.) (Pais, 1996); o indivíduo incorpora esses comportamentos como sendo um modelo de referência para estruturar as suas próprias ações. Se o resultado dessa conduta for positiva o comportamento de imitação tem a tendência de aumentar, mas quando acontece de forma contrária (e.g., consequência negativas, ou ausência de consequências) estas tendem a extinguir-se (Ferreira, 2000).

b- Delinquência juvenil praticada por jovens estrangeiros e jovens portugueses com ascendência estrangeira

A relação entre a imigração e criminalidade/desvio é um dos temas sociais mais controversos da atualidade (Martínez & Lee, 2004; Waegel, 1989). De facto, a análise da relação entre a imigração e a criminalidade não é uma tarefa fácil, isto porque os estudos desenvolvidos nessa área não permitem retirar uma conclusão clara, no que concerne à questão se atos da criminalidade são mais frequente nos estrangeiros do que nos autóctones (Guia, 2012).

Martínez e Lee (2004) afirmam que na maioria das vezes os imigrantes encontram-se sub-representados nas estatísticas da criminalidade. Guia (2012), afirma

que esta sub-representação pode ser explicada pelo facto destes grupos (e.g., imigrantes, estrangeiros e/ou pessoas pertencentes a grupos étnicos) apresentarem carências económicas, e também pela desvantagem em termos de oportunidades em relação aos autóctones (e.g., emprego). Apesar dos agentes institucionais afirmarem que, formalmente, as oportunidades são oferecidas de igual forma para todos, na prática a situação é bem diferente, pelo que os imigrantes e as minorias étnicas não têm acesso, nas mesmas circunstâncias, a todos os direitos da cidadania (Malheiros et al., 2007).

A imagem que os meios de comunicação social transmitem em relação a esse assunto é tendencialmente negativa e pessimista, contribuindo assim para reforçar o clima de insegurança e de violência nos bairros cujos moradores são maioritariamente imigrantes, aumentando os sentimentos de medo e rejeição face a estas populações (Malheiros et al., 2007). Para sermos bem-sucedidos na abordagem ao excesso da representação das comunidades étnicas no sistema de justiça juvenil é essencial perceber a inter-relação que existe entre a raça, a etnicidade a delinquência juvenil e as suas implicações políticas, no entanto as fontes de informação que poderiam levar a essa compreensão apresentam deficiências.

Em 1996, Pais efetuou um estudo em que demonstrou haver uma elevada prevalência da delinquência juvenil nas classes sociais mais baixas. Por sua vez Costa (1999) no seu estudo afirma que a elevada presença da delinquência nos grupos sociais menos favorecidos e etnicamente minoritárias é a consequência do enfraquecimento dos fatores tradicionais da socialização. Ventura (1999) acrescenta ainda que os jovens oriundos de meios socioculturais desprotegidos aumentam a aderência a formas e modelos de comportamento criminal (Laranjeira, 2007), os adolescentes que vivem em locais pobres (bairros sociais) e que são pouco valorizados pelos familiares têm tendência a enveredar pela delinquência (Bordin & Offord, 2000).

Hawkins et al. (2000) referem que vários investigadores têm observado diferenças nas taxas de delinquência juvenil sérias e ofensas a adultos entre grupos étnicos e raciais nos Estados Unidos. Estas diferenças têm levado a interpretações teóricas e debates políticos públicos. No entanto, as conclusões relativamente às diferenças raciais e às ofensas juvenis violentas têm sido alcançadas, primeiramente, analisando dados ao nível do indivíduo, que utilizados isoladamente levam a resultados incompletos. As análises a vários níveis que levam em consideração fatores comunitários e de contexto têm potencial para produzir uma compreensão mais completa e global do significado destas diferenças.

Num estudo desenvolvido por Carvalho (2003) com uma amostra de 685 jovens, com idades compreendidas entre os 9 e 18 anos, com o objetivo de conhecer a as trajetórias de vida dos jovens institucionalizados nos colégios do Instituto de Reinserção Social, constatou que, no que diz respeito ao país de origem destes jovens, 93% nasceram em Portugal; os restantes são oriundos, sobretudo, dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Ao identificar-se a situação referente aos pais, constata-se a existência de um elevado número de processos de imigração para o território nacional com uma larga percentagem de mães (27,0%) e de pais (30,8%) a nasceram noutros países, a maioria em Cabo Verde. Somente perto de 1/3 destes tinham a situação de residência oficialmente regularizada; as origens étnicas são também diversas, 28,8% são de origem africana e 3,5% de origem cigana (Carvalho, 2005).

Seabra (2005) desenvolveu um estudo com jovens filhos de imigrantes estrangeiros em Portugal internados nos Centros Educativos, e concluiu que a pobreza, a disfuncionalidade familiar, a degradação habitacional, as dificuldades escolares e laborais “tomam a dianteira no pressionar as crianças e jovens locais para a procura, através de vias ilegítimas, da satisfação das suas diversas necessidades” (Seabra, 2005, p. 232).

Lemos (2010) efetuou um estudo com 63 adolescentes, cujo objetivo foi caracterizar o perfil dos adolescentes em contacto oficial com o sistema de Justiça, indicando a tipologia do comportamento e os fatores de riscos psicossociais. Todos os participantes estavam sob a tutela do Lei Tutelar Educativa, com idades compreendidas entre os 13 e 18 anos, sendo que 79.4% dos adolescentes eram do sexo masculino (50), e 20.6% era do sexo feminino. Do universo da amostra 85.7% eram da nacionalidade Portuguesa, 14.2% eram de nacionalidade estrangeira (Cabo-verdianos, Europeus e Angolanos). Relativamente a etnia desses adolescentes é de referir que 71.4% era da etnia caucasiana, 19% era da etnia africana e 9.4% correspondia a etnia cigana. Os resultados obtidos sugerem que os adolescentes cujos pais apresentam uma relação conflituosa tendem a apresentar um índice de sintomas psicopatológicos significativamente superior ao dos adolescentes cujos pais não revelam conflitos.

Como vimos ao longo desse capítulo, a delinquência juvenil é um problema complexo, possuindo diversas causas, consequências e etiologias. Por isso para melhor compreender esse fenómeno temos que levar em conta todos os aspetos inerentes ao mesmo de forma a prevenir mais eficazmente

Capítulo II- Violência no namoro

Neste capítulo iremos expor de uma forma sucinta a definição da violência, da violência do género, da violência no namoro e das suas várias tipologias. Falaremos também de algumas teorias explicativas e das evidências empíricas. Por fim, iremos apresentar alguns estudos que falam da relação entre a violência no namoro e a delinquência juvenil.

1- Definição da violência

Atualmente o fenómeno da violência tem assumido dimensões preocupantes sobre o qual recaem múltiplas análises (Neves, 2003). A violência é um fenómeno multicausal que parece afetar todas as classes sociais, etnia, religião, faixa etária, em que os indivíduos ora se apresentam como vítimas, ora como agressores. Apesar de ser considerado um fenómeno comum em quase todas as sociedades, o conceito da violência não é universal, isto porque este conceito apresenta uma pluralidade de significados (possui diversas formas de expressão determinadas pela cultura, conceitos e valores utilizados por um povo), obrigando assim a explicações concisas (Balista, Basso, Cocco & Geib, 2004; Dahlberg & Krug, 2007; Dias, 2004; Gelles, 1997; Guimarães & Campos, 2007). Devido ao facto de ser um fenómeno social complexo com diversas formas de representação, deve ser explorada mediante as práticas e comportamentos humanos que lhe dão suporte, em colaboração com os sistemas simbólicos que lhes conferem sentido (Guimarães & Campos, 2007). É possível constatar que na literatura existem várias definições da violência, contudo as variações não são muitas.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2011) define a violência como sendo o uso intencional da força física ou poder, na forma de ameaça, contra si mesmo, outra pessoa, um grupo ou uma comunidade, que resulte, ou possa resultar em lesão, morte, dano psicológico, privação ou prejuízos ao desenvolvimento.

2- Violência de género

Tais como outros problemas da saúde pública, a violência não está distribuída equitativamente entre as faixas etárias ou sexos (Valença et al., 2010).

O género diz respeito a um leque de construções sociais, ele está associado a um conjunto de características que todas as sociedades, de formas diferentes associam a cada um dos sexos biológicos (Amâncio, 1994 as cited in Neves, 2003). Maldonado,

Cuevas e Torres (2011) acrescentam ainda que o gênero reflete sobre as categorias subjetivas dos homens e das mulheres em diversas sociedades e momentos históricos, analisa as posições nas relações de poder, o acesso aos serviços e benefícios e por fim reflete também sobre os efeitos desses fatores ao longo do seu desenvolvimento na vida cotidiana. Por sua vez Tedeschi (2009) afirma ainda que o gênero é um meio de descodificar o sentido de compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana.

A violência de gênero é uma questão social que afeta mulheres de diferentes idades, classes sociais, culturais ou níveis acadêmicos e supera os estereótipos em relação a quem sofre, porquê e onde se produz (Castro & Coelho, 2007; Garcia & Castro, 2008; Soler et al., 2006). Entre os adolescentes e/ou jovens os padrões de violência apresentam-se menos diferenciados em termos de gênero do que nos adultos. Contudo, não se verifica unanimidade entre estudos (Caridade & Machado, 2006; Lewis & Fremouw, 2001; Wekerle & Wolfe, 1999). A APAV (2011) afirma que existe uma maior simetria e reciprocidade da violência exercida entre parceiros nas relações de namoro, caracterizados sobretudo pela troca mútua de agressões, pelo que, tanto as raparigas como os rapazes podem assumir quer o estatuto de vítima, quer o estatuto do agressor.

2.1- Violência no namoro

Duarte e Lima (2006) definem o namoro como sendo uma relação romântica entre duas pessoas solteiras que se sentem mutuamente atraídas um pelo outro. Bertoldo e Barbará (2006) acrescentam ainda que o namoro é caracterizado especialmente pela estabilidade da associação entre duas pessoas, que é inversamente relacionado à probabilidade de uma pessoa deixar a relação.

Durante muitos anos, os estudos sobre a violência íntima deram particular ênfase à violência doméstica e aos maus-tratos a menores, negligenciando outras dimensões da violência e outros contextos relacionais, como é o caso da violência no namoro (Caridade, Machado & Vaz, 2007). Durante muitas décadas, a violência nas relações juvenis permaneceu oculta nos discursos sociais e científicos em comparação com a violência conjugal (Caridade & Machado, 2010).

A violência no namoro é um problema significativo de saúde pública e social ao nível mundial e traz graves consequências para a saúde física e psicológica dos afetados

(Boivin, et al., 2012; Guidi, Magnatta & Meringolo, 2012; Mars & Valdez, 2007; Santiago et al., 2010).

No passado, o conceito da violência no namoro envolvia somente a questão da força física. Atualmente, ela é vista como um conjunto de abusos, envolvendo o abuso verbal, psicológico, sexual e físico (Cornelius, Shorey & Kunde, 2009; Hickman et al., 2004; Mars & Valdez, 2007). Assim a violência no namoro pode ser definida mediante a ocorrência de atos abusivos entre duas pessoas numa relação de intimidade com o objetivo de uma delas (ou ambas) se colocar numa posição de poder e dominação sobre a outra, de a magoar e/ou controlar (APAV, 2011; Barreira, Lima & Avanci, 2013; Close, 2005 as cited in Anacona, 2008; Coelho & Machado, 2010; Cornelius & Resseguie, 2007; Días & Toro, 2012; Lavoie, et al, 2000; Mars & Valdez, 2007; Kelly, Peralez-Dieckmann & Martinez, 2009).

A violência física é entendida como toda e qualquer ação não accidental, única ou repetida de ameaça, intimidação ou uso da força física, com intuito de causar dor, sofrimento físico e/ou psicológico no contexto amoroso (e.g. pontapear, esbofetear, arremessar objetos; puxar os cabelos, empurrar, apertar o pescoço, ameaçar a utilização da força física, etc.) (APAV, 2011; Santana & Camargo, 2005; Wekerle & Wolfe, 1999).

A violência psicológica diz respeito a qualquer ato não físico (podendo ser transmitido verbalmente ou não verbalmente) realizado com o intuito de causar sofrimento psicológico e/ou medo constante ao parceiro/a, isto é caracterizada sobretudo pela rejeição desmoralização, intimidação, insultos, isolamento, humilhação e culpabilização (APAV, 2011; Santana & Camargo, 2005; Wekerle & Wolfe, 1999). Esta forma de violência é apontada na literatura como sendo a mais frequente nas relações do namoro, isto porque tanto as mulheres como os homens praticam estes atos. Porém a mulher é a que mais usa esta forma de violência (Shorey et al., 2012; Rubio-Garay, et. al., 2012).

A violência sexual ocorre quando um dos elementos da relação utiliza a força física e/ou ameaça com o intuito de submeter a vítima a práticas e/ou contactos sexuais forçados (e.g., Beijar e acariciar sem o consentimento mutuo, atos sexuais forçados) (APAV, 2011; Wekerle & Wolfe, 1999).

A literatura diz-nos que os adolescentes tendem a experienciar em simultâneo diversas formas de abuso nas relações de namoro (violência física, psicológica e sexual) isto porque, os atos físicos e sexualmente abusivos podem ser acompanhados por

agressões verbais, envolvendo sempre alguma forma de violência psicológica (APAV, 2011; Caridade & Machado, 2006; Sigelman, Berry, & Wiles, 1984 as cited in Duarte & Lima, 2006).

O papel do gênero tem recebido grande importância da literatura na explicação da elevada prevalência da violência no namoro (Gover, Park, Tomsich & Jennings, 2011). Assim a violência é vista como um referencial teórico muito importante para a compreensão e análise da desigualdade existente entre o homem e a mulher (Gomes, Diniz, Araújo & Coelho, 2007).

A violência nas relações de intimidade, longe de ser um fenómeno recente, assume-se hoje como um grave problema de saúde pública (Neves, 2005). Foi só a partir dos anos 60 que a violência começou a ser levada em conta como sendo um problema social grave. Em Portugal, as investigações relacionadas com a violência na intimidade começaram a aparecer na década de 90.

Nos últimos tempos têm surgido diversos estudos que revelam que a violência no namoro é um facto que ocorre de forma habitual e frequente, desconstruindo assim a ideia de que é um fenómeno escasso e que acontece só quando as pessoas estão casadas. Ela é vista muitas vezes como um preditor da violência conjugal (Caridade & Machado 2010; Dixe et. al., 2010; González-Ortega, Echebúrua & Corral, 2008).

2.1.1- Teorias explicativas da violência no namoro

Dos vários modelos que tentam explicar a violência no namoro, os que aparecem de forma mais frequente na literatura são as teorias da aprendizagem social e as teorias feministas, embora existam outras teorias explicativas deste fenómeno, mas neste estudo iremos falar apenas dessas teorias.

i- Teoria de aprendizagem social

O conflito familiar está constantemente a ser referenciada na literatura como um fator que poderá comprometer o estabelecimento de relações amorosas saudáveis durante a adolescência (Caridade, 2008). A teoria da aprendizagem social defende que os modelos parentais violentos contribuem significativamente para a interiorização, por parte das crianças, de valores ideológicos e sociais que legitimam a violência; os indivíduos aprendem como interagir com os parceiros sociais, observando e modelando

as ações dos outros significativos (Colman & Widom, 2004; Gelles, 1997 as cited in Matos et al., 2006).

Esta teoria considera que existe uma ligação direta entre a exposição à violência durante a infância e o envolvimento numa relação de namoro abusiva, ou seja os indivíduos que foram expostos a vitimação direta ou indireta na infância, tem tendência a encarar a violência como uma forma aceitável para resolver os conflitos nos relacionamentos (Boivin, Lavoie et. al., 2012; Cyr, McDuff & Wright, 2006; Duarte, 2000; Gover et. al., 2011; Oliveira & Sani, 2009; Wekerle & Wolfe, 1999).

Estudos empíricos demonstram que as crianças maltratadas na infância apresentam modelos relacionais inseguros na idade adulta e são com frequência vítimas ou perpetradores de violência nas suas relações interpessoais com pessoas significativas (Shaver & Hazan, 1993 as cited in Paiva & Figueiredo, 2003). A literatura demonstra que existe uma clara relação entre a exposição à violência na família da origem e a violência no namoro/conjugal (Delsol & Margolin, 2004).

A observação das consequências positivas da agressão aumenta a probabilidade do comportamento ser imitado no futuro, ou seja, quanto mais a criança se identifica com o agressor e com as consequências positivas dos seus atos, maior será a probabilidade da criança exibir o mesmo comportamento quando jovem e/ou adulto (Delsol & Margolin, 2004; Greene, Lynch & Decker, 1997).

ii- Teorias feministas

Esta teoria encara a violência como uma manifestação de estruturas de poder prevalentes de dominação masculina e subserviência feminina, e acredita que esta desigualdade de poder leva a comportamentos violentos nas relações de namoro (Eagly e Steffen, 1986; Shorey, Cornelius & Bell, 2008). Aparece quase sempre associada ao advento dos movimentos feministas, não considerando que a violência contra mulheres seja uma questão de diferença de géneros, mas antes uma tentativa de manutenção do controlo coercivo pelo homem sobre a mulher (Jones & Schechter, 1992, as cited in Neves, 2008).

A teoria feminista analisa a violência, em todas as suas formas, como fruto de questões de poder e de controlo, provenientes do sistema patriarcal. Focaliza a sua abordagem na desigualdade de género na ordem social e nos seus componentes culturais e estruturais. Considera que no namoro a violência de género constitui uma expressão

interpessoal do gênero da desigualdade social (Collins & Carmody, 2011; Dias, 2004). As desigualdades sociais, econômicas e políticas estruturais existentes entre homens e mulheres, a diferenciação rígida de papéis, as noções de virilidade ligadas ao domínio e à honra masculina, são fatores potenciadores à ocorrência de violência (APAV, 2010; Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006).

Considera que a violência no relacionamento existe devido ao poder tradicional que prevalece dentro das estruturas familiares, em que os homens têm o poder da dominação e a mulher possui o papel da submissão, destacando assim o papel da desigualdade existente entre homens e mulheres, em que existe uma clara desvalorização das mulheres. Reconhece que a violência feminina existe, mas enfatiza que o contexto de tais atos na maioria das vezes envolve uma situação de autodefesa. Além disso, tais atos por mulheres são qualitativamente diferentes, uma vez que não provocam medo nem causam geralmente ferimentos (Saavedra, 2011; Wekerle & Wolfe, 1999). Neves (2005) conclui afirmando que as teorias feministas contribuíram decisivamente para a leitura inovadora das implicações do gênero, da classe social, da etnia, na produção de narrativas normativas sobre a intimidade, contribuíram também para a desconstrução dos discursos científicos associados às relações de intimidade.

2.1.2- Evidências empíricas

A literatura tem focado a sua atenção mais sobre a violência física, dando menos ênfase aos outros tipos de violência (verbal, psicológica, sexual, etc.), conduzindo assim a uma visão microscópica do fenômeno, limitando o conhecimento real da sua amplitude (Jackson, 1999).

Devido em parte à falta do consenso existente na literatura sobre a definição da violência no namoro, às diferenças existentes entre as características das amostras, do grupo etário e escolar, do tipo de relacionamento considerado e das metodologias utilizadas, os resultados das diversas investigações sobre a violência no namoro levadas a cabo têm sido diferentes (Coelho & Machado, 2010; Shorey, Cornelius & Bell, 2008). No entanto, a pesquisa sugere que existe um número significativo de jovens e adolescentes que relata ser agressores e/ou vítimas nas suas relações de intimidade atual ou passado, estima-se que aproximadamente 20 a 37% dos jovens foram vítimas de agressão física nas suas relações (Cornelius, Shorey & Kunde, 2009).

A nível internacional, Makepeace (1981) foi pioneiro no estudo da violência nas relações de intimidade juvenil. Ele verificou que um(a) em cada cinco estudantes

universitários(as) tinha sido alvo deste tipo de abuso, em que 21% dos estudantes pré-universitários estão ou já estiveram envolvidos como vítimas ou como agressores, em pelo menos um ato abusivo dentro das suas relações de intimidade e que 61% da população estudada revelou conhecer alguém com experiências amorosas abusivas (Makepeace, 1981 as cited in Caridade & Machado, 2010).

Estudos demonstram que os comportamentos violentos são frequentes nas relações de intimidade juvenil, sendo que a taxa da prevalência se situa entre os 22% e os 56% (Magdol et al., 1997). Um outro estudo desenvolvido no ano 2000 por Berry veio a confirmar esses dados revelando que 20 a 30% dos jovens experiencia violência nas suas relações de intimidade (Caridade & Machado, 2006).

A nível nacional, estudos realizados com jovens universitários comprovam a existência de uma percentagem significativa de comportamentos violentos nas relações de namoro. Assim, a violência psicológica é apresentada como sendo a mais frequente (50,8-53.8%), seguindo-se a coerção sexual (18.9-25.6%) e o abuso físico sem sequelas (15.4-16.7%); o abuso físico com sequelas é referida como sendo o que ocorre com menor frequência (3.8-3.8%) sendo que na maioria das vezes as vítimas são os homens (1.5-6.9%), diferenciando assim da coerção sexual que a maioria dos agressores são os homens (33.7-8.0%) (Paiva & Figueiredo, 2004).

Nas relações de namoro a perpetração e vitimação estão significativamente relacionados, isto porque a violência é cometida por ambos os parceiros. As formas de abuso ligeiras sobrepõem-se muitas vezes às formas mais severas e à presença de ambos os tipos de severidade (Paiva & Figueiredo, 2004).

Swart, Stevens e Ricardo, (2002) desenvolveram um estudo sobre a violência no namoro na África do Sul com alunos do ensino secundário e concluíram que cerca de 49.8% dos rapazes e 52.4% das raparigas relataram que já tinham estado envolvidos num relacionamento de namoro fisicamente violento, ou como perpetrador e/ou como vítima. Os resultados empíricos confirmam que a violência na intimidade dos jovens pode ser experienciada desde a pré-adolescência, passando pela adolescência, até à idade adulta (Lavoie et al., 2000; Caridade & Machado, 2010).

Pinheiro (2011) desenvolveu um estudo sobre a violência no namoro com jovens cabo-verdianos e concluiu existir um alto nível de prevalência tanto da violência física como da violência emocional. 59.4% dos jovens afirmam que os atos mais sofridos foram o impedimento de contactar outras pessoas. Paralelamente, 54% dos participantes relatou já ter dado um murro no parceiro(a), seguido do insulto e difamação (51.8%),

bem como partir e danificar coisas intencionalmente (38.9%), forçar a pessoa a manter relações sexuais (32.4%), e por fim apertar o pescoço (27%).

2.2- Delinquência juvenil e violência no namoro: que relação?

Diversas investigações têm-se debruçado sobre a relação existente entre a delinquência e a vitimização juvenil. Muitas vezes os delinquentes e as vítimas são populações que se sobrepõem. Essa sobreposição é explicada pelo facto de que a delinquência envolve atividades de risco o que coloca o delinquente numa posição muito vulnerável de ser vítima, tanto pelo facto de se associar a pares desviantes, como pelo facto de ter um comportamento desafiador da lei e por falta de supervisão de um adulto responsável (Cuevas, Finkelhor, Turner & Ormrod, 2007).

A associação e o envolvimento com os pares desviantes são fatores de risco para a manifestação da violência no namoro. O envolvimento na perpetração de comportamentos agressivos e violentos contra pares e a existência de pares envolvidos em relações de namoro abusivas (na perpetração e/ou na vitimação) são também fatores de risco (principalmente nos rapazes) para a prática de violência nas suas relações de namoro (APAV, 2011).

Num estudo desenvolvido por Lavoie et al. (2002) a educação rígida por parte dos pais ou figuras significativas e a delinquência estão diretamente relacionadas com a perpetração da violência no namoro, ou seja, crianças/jovens que estão sujeitos a uma disciplina rígida e com historial de comportamentos desviantes possuem alta probabilidade de virem a ser agressores nos seus relacionamentos de intimidade.

A perspetiva de orientação antissocial considera que os comportamentos disruptivos são transmitidos de pais para filhos, e isto faz com que, com o passar do tempo, estes venham a envolver-se em comportamentos violentos numa situação de namoro e em comportamentos delinquentes no geral, uma vez que o comportamento antissocial transmitido às crianças tem tendência a persistir ao longo da vida. Esta teoria considera que o impacto das experiências negativas da infância está relacionado com a delinquência juvenil e com a violência no namoro (Tyler & Melander, 2012).

A fraca demonstração de afeto e os maus-tratos infantis estão positivamente relacionados com a violência no namoro e com a delinquência juvenil. Por sua vez a delinquência juvenil relaciona-se positivamente com a violência no namoro (Tyler & Melander, 2012).

Tyler, Brownridge e Melander (2011) desenvolveram um estudo cujo objetivo foi analisar os efeitos do fraco controlo familiar sobre a perpetração da violência no namoro e da vitimização. Os resultados apontam que o abuso físico e a fraca demonstração de carinho/afeto estavam ligados a maiores taxas de delinquência e consumo de estupefacientes. A negligência, a rejeição parental e altos níveis de delinquência são apontados como detentores de impactos diretos e positivos sobre a perpetração da violência no namoro, da mesma forma que um maior nível de abuso físico, baixa demonstração de afeto, e o aumento da delinquência foram todos positivamente associados com a vitimização na violência no namoro. Com isto pode-se afirmar que a fraca demonstração de afeto está positivamente relacionada com a delinquência e a violência no namoro, tanto como perpetrador ou como vítima (Tyler, Brownridge & Melander, 2011).

Ferreira (1997) afirma ainda que a natureza e o conteúdo dos controlos que as famílias incutem nos filhos assumem um papel relevante na inibição e na prevenção dos comportamentos delinquentes. Assim, a família do adolescente em conflito com a lei tem uma forte influência tanto na aquisição e manutenção dos comportamentos disruptivos como na extinção de tal comportamento ou desenvolvimento de habilidades pro-sociais (Carvalho, 2005).

Em suma, pode-se afirmar que a violência no namoro, tanto a física, psicológica como sexual está presente em todas sociedades, classes sociais e etnias, por isso ela tem sido amplamente discutido e estudado por investigadores de diversas áreas e educadores. Ficou patente também que a violência no namoro não escolhe a classe social/económica, todos nós podemos estar nessa situação ou como vítima, ou como agressor, ou ainda como testemunha, pelo que atitude pró-ativas da nossa parte é muito importante no sentido de prevenir e travar esse problema que atualmente tem aparecido cada vez mais.

Capítulo III- Aceitação-Rejeição interpessoal, Delinquência juvenil e Violência no namoro

Neste capítulo, apresentaremos uma abordagem geral sobre a teoria da aceitação-rejeição interpessoal e a sua relação com a delinquência e a violência no namoro.

1- Teoria da aceitação-rejeição interpessoal

A teoria da aceitação-rejeição parental derivou das teorias da socialização que tentam prever, avaliar e explicar as principais causas e consequências da percepção da aceitação e rejeição parental no desenvolvimento; bem como avaliar os seus efeitos na vida adulta e/ou velhice (Ali, 2011; Arzeen, et al., 2012; Rohner, 2007; Rohner, et al., 2012). Inicialmente a teoria da aceitação-rejeição focava a sua atenção apenas na aceitação e rejeição dos pais e/ou figuras importantes para a crianças. Mas tarde, Rohner na sua investigação constatou que existem indivíduos que, apesar de serem originários de famílias aceitantes, apresentavam consequências psicológicas idênticas aos indivíduos que experienciaram rejeição na infância por parte dos pais. Assim, em 1999, esta teoria sofreu uma reformulação, focando a sua atenção na aceitação-rejeição interpessoal (e.g., aceitação-rejeição do par amoroso, irmãos, professores, pares, etc.).

A teoria da aceitação-rejeição interpessoal veio demonstrar que a percepção da rejeição em todos os relacionamentos interpessoais que envolvem figuras significativas, estaria associada ao mesmo conjunto de disposições de personalidade encontrada em crianças e adultos rejeitados pelos pais (Rohner, 2009; Rohner et al., 2012).

Rohner (2007) considera que esta teoria possui duas dimensões diferentes: a dimensão da aceitação e a dimensão da rejeição. O comportamento da aceitação pode ser demonstrado tanto física como verbalmente através do afeto, amor, respeito, carinho e atenção. Por outro lado, o comportamento de rejeição é pautado essencialmente pela ausência significativa da atenção, conforto, preocupação, apoio, e carinho. A ausência dessas condutas é evidenciada através da frieza emocional, indiferença, negligência, hostilidade, agressão física e/ou verbal e rejeição indiferenciada (Rohner, 2004; Rohner 2006; Rohner & Khaleque 2005). Neste âmbito, os pais tanto podem ser calorosos e amorosos como podem também ter comportamentos de hostilidade e de rejeição. O importante m considerar, é que cada padrão de comportamento dos pais afeta o desenvolvimento da personalidade das crianças (Hussain & Munaf, 2012). Todos os seres humanos têm necessidade de receber respostas positivas dos pais e de outras

figuras de apego; a inexistência dessas respostas pode provocar efeitos negativos em várias áreas do desenvolvimento infantil (personalidade, comportamento, funcionamento interpessoal, etc.). Pelo que os indivíduos com experiências de rejeição na infância tendem a ter uma visão negativa do mundo, são mais agressivos, mais hostis, mais dependentes, emocionalmente instáveis e com baixa autoestima (Arzeen, et al., 2012; Rohner, Khaleque, & Cournoyer, 2010).

Esta teoria pretende responder a cinco questões, recorrendo a três sub-teorias: a da personalidade, a de *Coping* e, por fim, a dos sistemas socioculturais. A primeira sub-teoria, a da personalidade, procura responder a duas questões: é verdade que as crianças de diferentes lugares, etnia, géneros, sistemas socioculturais respondem da mesma maneira à perceção da aceitação-rejeição por parte dos pais e/ou figuras importantes? Até que ponto os efeitos da rejeição na infância se podem estender até à idade adulta e/ou à velhice? A segunda sub-teoria, a do *Coping*, pretende responder à questão: porque razão algumas pessoas apresenta resiliência em lidar emocionalmente de forma mais eficaz com a experiência de rejeição na infância do que a maioria? Por último, a sub-teoria dos sistemas socioculturais pretende dar resposta às seguintes questões: porque razão alguns pais são mais amorosos e demonstram comportamentos de aceitação, e outros são agressivos, rejeitam e negligenciam as crianças? Como é que a estrutura da sociedade e os comportamentos dos indivíduos são afetados pelo fato de que a maioria dos pais/educadores tendem a aceitar ou rejeitar os seus filhos/educandos? (Dwairy, 2009; Rohner & Khaleque, 2005; Rohner, 2007; Rohner & Khaleque, 2009; Rohner et al., 2012).

2- Relação entre a delinquência e a aceitação-rejeição interpessoal

A literatura afirma que existe uma relação entre as práticas educativas inadequadas e os comportamentos disruptivos. A promoção de comportamentos socialmente adequados pode advir da forma como os pais e/ou figuras de vinculação educam os seus filhos (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002). Geralmente, as crianças adotam comportamentos que encontram na família de origem. Quando a relação familiar é muito violenta e desequilibrada, os jovens tendem a reproduzir esses comportamentos nos seus relacionamentos interpessoais (e.g. grupos de pares, parceiros/as) (Bartholomew, Henderson & Dutton, 2001; Cicchetti & Toth, 1995 as cited in Volz & Kerig, 2010). Assim, as crianças expostas à violência no sistema familiar tornam-se mais intolerantes à frustração, comportando-se frequentemente de forma agressiva e

com pouca motivação para cumprir as normas sociais (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002). É de referir que as crianças rejeitadas têm maior probabilidade de se integrarem nos grupos em que os pares são desviantes.

Os adolescentes que experienciam sentimentos de rejeição parental estão mais propensos a participar nas atividades delitivas, que por sua vez estão expostos a uma maior probabilidade de serem vítimas ou agressores nas suas relações de intimidade. Os jovens que percecionam o relacionamento com os pais como sendo insatisfatória, distantes, com falta de apoio e comunicação têm tendência a procurar outras companhias e podem ser utilizadas por indivíduos de alto risco aumentando assim a probabilidade de se tornarem vítimas nos seus relacionamentos de intimidade (Tyler, Brownridge & Melander, 2011).

3- Relação entre a violência no namoro e a aceitação-rejeição do par amoroso

A rejeição é uma experiência humana comum e potencialmente angustiante, contudo, cada ser humano reage de uma forma diferente a essa experiência. Algumas pessoas reagem com tranquilidade, mantendo-se calmas e serenas em resposta aos desafios e ameaças interpessoais, outras reagem com agressividade comprometendo assim o seu bem-estar e os seus relacionamentos interpessoais (Kross, et al., 2007).

Greenberger e McLaughlin (1998) afirmam que indivíduos seguros do ponto de vista das suas relações românticas tendem a recordar-se dos seus pais como tendo sido carinhosos, respeitadores, menos punitivos, e aceitantes. Acrescentam ainda que neste caso, as relações entre os pais são mais estáveis e mais carinhosas (Greenberger & McLaughlin 1998 as cited in Volz, 2007; Matos & Costa, 2006). Por outro lado, os sujeitos com comportamentos de evitamento tendem a descrever a figura materna como ausente, rejeitante e fria, e a figura paterna como instável, inflexível e sempre indisponível (Rothbard & Shaver, 1994).

Os adolescentes que foram vítimas de maus-tratos enquanto crianças têm tendência a dar continuidade aos mesmos padrões de relacionamento, na medida em que tendem a escolher parceiros que continuam a agir com eles da mesma forma abusiva e vice-versa (Wolfe et al., 1998 as cited in Volz & Kerig, 2010). Essas crianças também têm mais probabilidade de se envolverem em relações de intimidade antes de atingir um desenvolvimento emocional apropriado para tal, com o objetivo de obter a aceitação e a segurança emocional que não tiveram no seio familiar (Mueller & Silverman, 1989 as cited in Volz & Kerig, 2010).

A literatura afirma que um dos fatores que leva ao uso da violência nas relações de intimidade juvenil é a sensibilidade à rejeição e a insegurança emocional (Volz, 2007). A sensibilidade à rejeição resulta de um processo de aprendizagem natural, isto é, das experiências da rejeição na infância (pontual ou prolongada) por parte dos pais, colegas, professores, parceiros amorosos (Levy et al., 2001 as cited in Volz, 2007). Ela tem sido definida como sendo a disposição das pessoas em experienciar sentimentos de ansiedade e de raiva quando percebem a rejeição numa relação, mesmo em situações ambíguas e neutras (Downey & Feldman, 1996).

As pessoas com alta sensibilidade à rejeição estão em risco de se tornarem vítimas nas suas relações de intimidade, isto porque desde tenra idade estão habituadas ao padrão violento nas relações, e não conseguem ver uma outra forma de relacionamento que não seja caracterizado pela violência e instabilidade entre os seus membros (Volz, 2007). Da mesma forma que estão em risco de serem vítimas, também estão propensos a desenvolver comportamentos violentos e de agressividade para com os seus pares devido à percepção da rejeição (Brendgen, et al., 2002 as cited in Volz, 2007; Downey et al., 2000 as cited in Volz & Kerig, 2010). Os jovens com alto índice de sensibilidade à rejeição parecem estar mais dispostos a permanecer num relacionamento com um parceiro abusivo por causa de sua intensa necessidade da aceitação e ligação afetiva (Downey et al, 1997, Levy et al, 2001 as cited in Volz & Kerig, 2010).

Um conceito que pode oferecer uma potencial ligação entre a sensibilidade à rejeição e a violência é a insegurança relacional. Em contraste com a sensibilidade à rejeição que se refere a um medo geral de não ser aceite pelos outros, a insegurança relacional refere-se especificamente ao medo de ser rejeitado numa relação de intimidade (Purdie & Downey, 2000 as cited in Volz, 2007). A insegurança relacional pode contribuir para o aumento da sensibilidade à rejeição que, por sua vez, pode aumentar a probabilidade da perpetuação da violência no namoro com o intuito de manter o relacionamento com os seus parceiros (Volz & Kerig, 2010).

Em forma de conclusão, pode-se afirmar que a relação entre a violência no namoro e a teoria da aceitação-rejeição é evidente, porque o historial da rejeição na infância afeta, em larga medida, o estabelecimento de relações de intimidade saudáveis. Os indivíduos que se percebem como rejeitados tornam-se pessoas ansiosas e inseguras e são mais sensíveis à rejeição, pelo que existe uma maior probabilidade de adotar comportamentos de violência e/ou de submissão para com o parceiro.

Parte II- Método

Este estudo faz parte de um projeto mais amplo - Delinquência e Vitimação Juvenis -, que está a ser desenvolvido no Instituto Superior da Maia (ISMAI) e coordenado pelas professoras Doutora Sofia Neves e Doutora Vera Duarte. Este projeto mais amplo tem como principal objetivo mapear o fenómeno da delinquência e da vitimação de jovens estrangeiros e/ou pertencentes a grupos étnicos em cumprimento de Medidas Tutelares Educativas ou em situação de Acolhimento em Lares de Infância e Juventude.

Após a apresentação do enquadramento teórico dos temas em estudo, passaremos a apresentar os objetivos da presente investigação, a caracterização dos participantes, os instrumentos e técnicas de recolha, os procedimentos, o tratamento e análise de dados e os resultados. De forma a concretizar os objetivos previamente propostos foram utilizados, complementarmente, dados qualitativos e quantitativos.

1- Objetivos do estudo

1.1- Objetivo geral:

Caracterizar as trajetórias de desvio e de vitimação de jovens estrangeiros e dos jovens portugueses descendentes de estrangeiros, em situação de cumprimento de Medidas Tutelares Educativas em Centros Educativos portugueses.

1.2- Objetivos específicos:

Caracterizar os contextos de vida dos jovens estrangeiros e dos jovens portugueses descendentes de estrangeiros, nomeadamente, o contexto familiar, o percurso escolar, a comunidade envolvente e o grupo de pares;

Descrever os percursos desviantes e delinquentes e analisar a eventual relação existente entre esses percursos e os processos de vitimação nos diferentes contextos de vida;

Caracterizar os comportamentos delitivos e antissociais;

Caracterizar a violência no namoro;

Identificar as crenças legitimadoras da violência no namoro;

Identificar os níveis de perceção de aceitação e de rejeição do parceiro íntimo;

2- Caracterização dos participantes

A presente amostra é constituída por 22 participantes de sexo masculino, divididas em dois grupos: um grupo de jovens de nacionalidade portuguesa com ascendência estrangeira e outro grupo de jovens de nacionalidade estrangeira. Assim, de seguida, será feita a análise de cada grupo de forma separada.

2.1- Grupo de jovens de nacionalidade portuguesa com ascendência estrangeira

Este grupo é constituído por 12 jovens com idades compreendidas entre os 14 anos e os 18 anos de idade, sendo que a média de idades deste grupo é de 16.92 (DP=1.24). Paralelamente, no que se refere à escolaridade dos participantes, 7 frequentam o 9º ano de escolaridade. No que concerne ao tempo de internamento dos participantes, este oscila entre um mínimo de dois meses e um máximo 30 meses de internamento, sendo que o valor médio de meses de institucionalização é de 11.33 meses (DP=8.39). Por outro lado, a maioria dos participantes refere não ter estado em outra instituição se não a atual (n=8).

Relativamente às características dos progenitores, de constatar que a idade das mães destes participantes oscila entre um mínimo de 32 anos e um máximo de 49 anos de idade, sendo a média de idades de 39.73 (DP=5.35). Por outro lado, a idade dos pais oscila entre os 34 anos e os 55 anos, sendo a média de idades de 44.67 anos (DP=8.17). No que concerne à nacionalidade (n=6) das mães são de nacionalidade portuguesa; já os pais, destaque para a nacionalidade cabo-verdiana que representa 58.3% (n=7) dos pais destes participantes. Paralelamente, no que concerne à escolaridade destes, verifica-se que a escolaridade com maior representatividade é o 4º ano de escolaridade, o nono ano de escolaridade e o décimo segundo ano de escolaridade. No que concerne aos pais, a maioria dos participantes não preencheu informação relativamente a este requisito (n=7). Dos que preencheram, de destacar que, em três casos, os pais possuem o décimo segundo ano de escolaridade. No que concerne à ocupação laboral, quatro das mães eram trabalhadoras não qualificadas, em relação aos pais não se destaca nenhuma profissão uma vez que a maioria dos participantes (n=8) não soube identificar qual a profissão destes.

Na presente amostra, seis jovens encontram-se atualmente numa relação de namoro, sendo que os restantes participantes não se encontram em qualquer relação amorosa. Paralelamente, a idade da namorada oscila entre os 18 e os 21 anos, sendo que a média de idades da companheira é de 18.67 anos (DP=1.21). Por outro lado, dos que

se encontram atualmente numa relação amorosa quatro dos parceiros são de nacionalidade portuguesa, sendo que três destes possuem o 9º ano de escolaridade.

2.2- Grupo de jovens estrangeiros

Este grupo é constituído por 10 jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos com uma média de 16 (DP=.84). Os participantes têm nacionalidades Cabo-verdiana (n=5), Guineense (n=2), Brasileira (n=1), Angolana (n=1) e Santomense (n=1). No que se refere à escolaridade dos participantes, três frequentam o 6º ano de escolaridade e, em igual número, o 9º ano de escolaridade.

No que concerne à área de residência antes da institucionalização, os participantes pertenciam a zonas diversificadas, sobretudo a zona centro e sul do país. O tempo de internamento dos participantes oscila entre um mínimo de um mês e um máximo de 28 meses de internamento, sendo que o valor médio de meses de institucionalização é de seis meses (DP=8.60). Seis participantes referem não ter estado em outra instituição se não a atual.

Relativamente às características dos progenitores, de constatar que a idade das mães destes participantes oscila entre um mínimo de 35 anos e um máximo de 43 anos de idade, sendo a média de idades de 42.0 (DP=3.391). Por outro lado, a idade dos pais oscila entre os 35 anos e os 50 anos, sendo a média de idades de 41.0 anos (DP=6.397). No que concerne à nacionalidade, três das mães são de nacionalidade Cabo-Verdiana, enquanto nos pais, apenas dois são desta nacionalidade. Por fim, de destacar que no que concerne à escolaridade dos progenitores e à sua ocupação profissional, poucos foram os participantes que souberem prestar informação sobre estas condições.

3- Instrumentos/Técnicas de recolha de dados

Considerando os objetivos da pesquisa destacam-se como principais técnicas de recolha de dados a análise documental e a entrevista semiestruturada. Foram igualmente utilizados questionários e escalas, de forma a complementar a informação recolhida através das técnicas anteriormente designadas.

3.1- Análise documental

De acordo com Faria, Cunha e Felipe (2008) a análise documental baseia-se na busca de informações nas fontes de informações primárias, tais como documentos oficiais jurídicos e particulares tais como diários, atas, entre outros. Para o presente

estudo foi criado uma grelha para a análise dos processos individuais dos jovens internados nos Centros Educativos Portugueses. Estes processos, também chamados de “dossiers tutelares, são instrumentos individualizados para onde se encaminha toda a informação oficial da intervenção judiciária” (Duarte, 2011, p. 110)

De forma a consultar todos os dados dos jovens foi construída previamente uma grelha de registo para auxiliar na recolha dos dados. A grelha é composta por cinco categorias subdividas em subcategorias. A primeira categoria denominada de “dados pessoais” foi subdividida em três subcategorias (dados do processo, dados pessoais, situação escolar e profissional), a segunda categoria diz respeito aos “dados familiares”, a terceira categoria faz referência às “trajetórias migratórias”, a quarta categoria designada de “instituições e situação jurídica” foi dividida em duas subcategorias: o “histórico da promoção e pessoal” e a “situação jurídico-legal”. Por fim, a quinta e última categoria “dependência, consumos e saúde”, foi dividida em duas subcategorias: o “consumo de álcool e droga” e “situações de saúde”.

A par da grelha foi construído também um memorando (cf. Anexo 1) com o intuito de fazer uma descrição mais detalhada dos dados recolhidos nos processos. No decurso da análise processual, esta grelha foi sofrendo algumas alterações inerentes à necessidade de adaptação, à estrutura dos processos em análise e às informações, avaliações e intervenções que caracterizam cada um dos Sistemas (Tutelar Educativo e Promoção e Proteção).

3.2- Entrevista semiestruturada

Para Queiroz (1988), a entrevista semiestruturada é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre o informante e o pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com os seus objetivos. Assim, o autor considera que por essa razão, existe uma distinção nítida entre narrador e pesquisador, pois ambos se envolvem na situação de entrevista movidos por interesses diferentes. Esta metodologia foi considerada particularmente importante para este estudo na medida em que permite que o entrevistado estruture o seu pensamento acerca do objeto em estudo. Posto isto, foi elaborado um guião de entrevista semiestruturada, permitindo uma certa liberdade e flexibilidade para questões adicionais que normalmente surgem durante uma entrevista.

O guião da entrevista (cf. Anexo2) foi composto por quatro temáticas essenciais: as trajetórias migratórias, o contexto de vida, as atividades marginais e trajetórias institucionais e por fim as expectativas em relação ao futuro.

Apenas 10 dos participantes foram entrevistados, sendo que quatro jovens são de nacionalidade portuguesa (com ascendência Cabo-Verdiana), dois da nacionalidade cabo-verdiana, um da nacionalidade guineense, um brasileiro, um angolano e um apátrida com ascendência cabo-verdiana. Após a análise dos processos, foram selecionados os jovens estrangeiros, com historial de delinquência, que se encontravam a viver em Portugal há menos de dez anos.

3.3- **Questionário de condutas antissociais e delitivas** (Seisdedos, 1988; Formiga, 2002, versão portuguesa para investigação Duarte & Neves, 2012¹)

Este questionário foi proposto por Seisdedos em 1988, e foi validado para o contexto brasileiro em 2002, por Formiga e Gouveia. Este instrumento compreende uma medida comportamental em relação às Condutas Antissociais e Delitivas. Essa medida é composta por quarenta elementos distribuídos em dois fatores: o primeiro envolve as condutas antissociais, em que seus elementos não expressam delitos mas comportamentos que desafiam a ordem social e infringem normas sociais. O segundo fator relaciona-se com as condutas delinquentes, englobando comportamentos delinquentes que estão fora da lei, caracterizando uma infração ou uma conduta faltosa e prejudicial a alguém ou mesmo à sociedade como um todo. Para cada elemento, os participantes devem indicar o quanto apresenta o comportamento assinalado no seu dia-a-dia. Para isso, utilizam uma escala de resposta de dez pontos, tendo os seguintes extremos: 0 = Nunca e 9 = Sempre. Esta escala revelou indicadores psicométricos consistentes identificando os fatores referidos anteriormente; para a Conduta Antissocial foi encontrado um *Alpha de Cronbach* de .90 e a Conduta Delinquente, .87 (Formiga & Gouveia, 2003).

3.4- ***Intimate Partner Acceptance-Rejection/Control Questionnaire (IPARQ/CQ)*** (Rohner, 2005, Versão Portuguesa para investigação – QAR/CPI, Machado & Machado, 2012²)

O Questionário de Aceitação-Rejeição/Controlo do Parceiro Íntimo (Versão Portuguesa-QAR/CPI, adaptado do original para uma versão mais reduzida por Machado & Machado, 2012) mede as percepções que os indivíduos têm sobre serem aceites ou rejeitados pelo seu par amoroso ao longo do seu relacionamento. Este

¹ Instrumento em processo de adaptação e validação.

² Instrumento em processo de adaptação e validação.

questionário é dividido em duas partes. A primeira parte é composta por cinco questões que têm como intuito perceber a vida relacional do indivíduo, a segunda parte é composta por 24 itens, que pretendem medir e avaliar as variáveis carinho, hostilidade, indiferença, e rejeição indiferenciada. Estes itens encontram-se numa escala de *likert*, que oscila entre 1 “quase nunca é verdade” até 4 “quase sempre é verdade”. Estes estudos revelaram uma consistência interna global, avaliada pelo *Alpha de Cronbach*, de .80, O Alpha relativamente ao carinho é de .70, à hostilidade é de .77, à indiferença é .78 e à rejeição indiferenciada é .76. Assim podemos concluir que a escala demonstra bons indicadores psicométricos (Rohner, 2005).

3.5- **Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal (ECVC)** (Machado & Matos Gonçalves, 2000)

A Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal (Machado, Matos & Gonçalves, 2000) tem como objetivo avaliar as atitudes e crenças relativamente à violência física e psicológica nos relacionamentos íntimos e avaliar a legitimação e tolerância perante a violência na intimidade. É uma escala de Lickert que vai desde 1 (discordo totalmente) até 5 (concordo totalmente), constituída por 25 itens que envolvem afirmações que legitimam, justificam ou minimizam a violência conjugal. A pontuação total da escala mede o grau de tolerância/aceitação do sujeito no que diz respeito à violência conjugal. A análise fatorial desta escala revelou quatro fatores que explicam 48,1% da variância total: Fator 1: “legitimação e banalização da pequena violência”, Fator 2: “legitimação da violência pela conduta da mulher”, Fator 3: “legitimação da violência pela sua atribuição a causas externas” e Fator 4: “legitimação da violência pela preservação da privacidade da família”. A consistência interna global, avaliada pelo *Alpha de Cronbach* é de .88 (Machado, Matos & Gonçalves, 2000).

3.6- **Inventário de Violência Conjugal (IVC)** (Machado, Matos & Gonçalves, 2000)

O Inventário de Violência Conjugal (IVC) (Machado, Matos & Gonçalves, 2000) tem como objetivo de identificar a vitimação e/ou perpetração de comportamentos violentos nas relações íntimas. O IVC permite avaliar a prevalência da violência física e emocional perpetuada e recebida pelos parceiros íntimos e a identificação da frequência com que estes ocorrem. Este inventário é composto por duas partes: A e B, cada uma delas composta por 21 itens que envolvem comportamentos

abusivos a nível físico, emocional e coercivo/de intimidação subdivididas em duas alíneas a) comportamentos adotados para com o seu parceiro/a, e b) comportamentos infligidos e perpetrados pelo parceiro/a em relação a si. A primeira parte (A) destina a avaliar as relações íntimas atuais ou vividos no último ano e a segunda parte,(B) faz referencia às relações íntimas do passado. Não existe uma cotação da escala, uma vez que se trata de um inventário comportamental, pelo que a análise deve ser feita item a item, examinando a frequência de adoção dos comportamentos identificados. Caso os participantes admitam terem adotado pelo menos umas das práticas apresentadas na escala são classificadas como maltratantes. Após o calculo da consistência interna da escala global com os dados da nossa amostra, o *Alpha de Cronbach* é de .97, por isso podemos concluir que a escala apresenta bons indicadores psicométricos (Machado et al., 2008; Matos, 2005).

4- Procedimentos

Os dados foram recolhidos em quatro centros educativos portugueses da zona norte e centro do país entre março e maio de 2013. Este estudo desenvolveu-se em vários momentos. Depois de obtida a autorização por parte da Direção Geral de Reinserção Social, atual Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, a recolha de dados foi dividida em três fases distintas: na primeira fase as responsáveis pelo projeto mais amplo estabeleceram um contacto direto com os diretores dos centros educativos, tendo sido posteriormente feita uma reunião inicial nos centros educativos de forma a estabelecer o contacto com o ambiente local e analisar as possibilidades da recolha de dados; na segunda fase foram aplicados os questionários nos vários centros educativos. O preenchimento dos questionários foi feito em contexto de sala de aula/contexto de aprendizagem na presença da autora desta dissertação ou de outros membros da equipa de investigação, com intuito de esclarecer eventuais dúvidas. O tempo do preenchimento dos questionários foi bastante variado, visto que houve muitos casos de jovens com dificuldades na leitura e interpretação das perguntas.

Na terceira fase foram realizadas as entrevistas; a primeira abordagem com os entrevistados foi no sentido de lhes explicar os objetivos da entrevista, a garantia da confidencialidade, do anonimato no tratamento de dados e pedir a autorização para que tal pudesse ser gravada e futuramente transcrita. Perante isto foram entregues o consentimentos informados para serem devidamente assinados pelas partes (cf. Anexo 3). As entrevistas foram realizadas individualmente numa sala disponibilizada pelos

responsáveis das instituições e tiveram uma duração entre os 15 a 60 minutos. A adesão dos jovens às entrevistas num dos centros educativos foi muito baixa, demonstrando-se pouco motivados.

5- Apresentação dos resultados

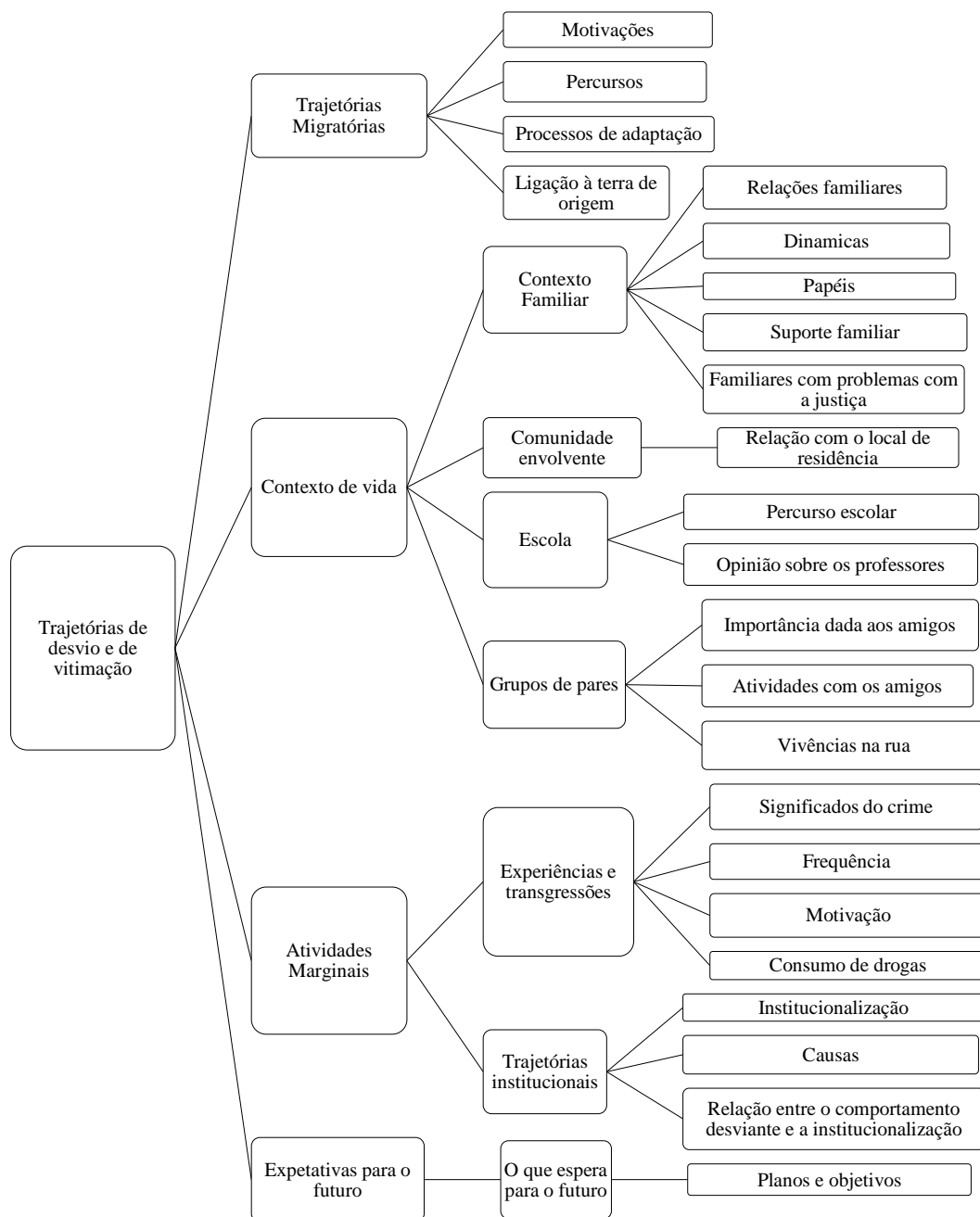
Os dados qualitativos e quantitativos vão ser apresentados separadamente, sendo que no primeiro momento iremos apresentar os resultados relativos às entrevistas e no segundo momento os dados quantitativos.

A informação recolhida através das entrevistas foi analisada e interpretada com base na técnica da análise do conteúdo. O tratamento dos dados quantitativos foi feito através do programa SPSS, versão 20.0. Utilizaram-se medidas descritivas e de cálculo de médias dos grupos.

5.1- Resultados – Dados qualitativos

A análise de conteúdo efetuada foi de natureza temática. Os resultados apresentados a seguir traduzem o processo de categorização, suportado por alguns extratos das entrevistas dos participantes.

Figura 1: Árvore da categorização dos resultados



5.1.1- Trajetórias Migratórias ³

As principais motivações apontadas pelos jovens para deixar o país de origem foi para estar com a família e procurar melhores condições de vida “*o meu pai é que nos*

³ Diz respeito apenas aos jovens estrangeiros

mandou buscar, a vida lá era difícil, aqui é mais fácil para arranjar trabalho” (CEMA4), *“para ter uma vida melhor, lá em Angola também já não estava bem...”* (CEL25). Dois dos jovens entrevistados apontaram como principal motivo para a sua vinda para Portugal problemas de saúde. Ambos viajaram na companhia da mãe e posteriormente decidiram não voltar, *“eu vim para aqui porque tive um acidente na vista (...) na altura vim eu e a minha mãe, passado uns tempos, os meus irmãos vieram também”* (CEM7), *“tive que vir para Portugal tratar dos rins, só tinha um rim o outro não funcionava, depois tratei e decidimos ficar cá, eu a minha mãe”* (CEC10).

O processo de adaptação a Portugal foi difícil para a maioria destes jovens, *“achei tudo estranho, mas com o tempo fui-me adaptando”* (CEM2), *“no início não gostei mesmo nada, mas depois com o tempo fui-me habituando”* (CEM10). A dificuldade com a língua e a escola são apontadas por muitos como um entrave no processo de integração. Com o passar do tempo foram-se adaptando e criando redes de suporte. Muitos desses jovens continuam a manter contacto com a sua família no país de origem, no entanto estes contactos são na sua grande maioria irregulares, *“falo com eles às vezes por telemóvel (...) os que estão na Guiné falamos assim raramente (...)”* (CEM7), *“sim, a minha mãe liga sempre e falamos com eles de vez em quando”* (CEM2), *“ligo de vez em quando para eles, não ligo muitas vezes porque não é barato ligar para lá”* (CEM10). Dois dos jovens entrevistados afirmam ser vítimas de discriminação racial e social, principalmente por parte das forças policiais, *“os pretos são discriminados (...), os pretos ou só servem para a obra ou só servem para limpeza, (...) os polícias vão sempre ao bairro para fazer rusgas”* (CEMA3), *“nós também não temos muita hipótese porque estivemos num bairro que é conhecido por tráfico, drogas e armas, conflitos com a polícia e depois a cor”* *“por ser negro, já tive situações de discriminação”* (CEMA5).

5.1.2- Contexto de vida

a- Contexto familiar

As relações familiares são, em muitos casos, disfuncionais e inexistentes. A maioria dos jovens apresenta conflitos e desestruturação com as figuras paternas, mas no entanto, existe uma relação relativamente estável com a figura materna e com os avós, *“temos uma boa relação, (...) quando faço asneira, discutimos às vezes”* (CEM7), *“cada um está do seu lado, (...) se eles tivessem todos juntos a coisa não iria correr bem (...)”* *“dou-me bem com a minha mãe”* (CEM13), *“eu e o meu pai tivemos um*

desentendimento, (...), ele agrediu-me e levantei a mão para ele” (CEL25), *“não digo que é boa, mas também não digo que é má. É mais ou menos”* (CEMA2).

A maioria destes jovens vivia só com a mãe e com os irmãos. Tendo em conta a precariedade económica destas famílias, que as leva a ter muitos trabalhos que ocupam parte do seu tempo diário, e na maioria mal remunerados, a comunicação e a ligação familiar passa para um segundo plano. Cerca de metade dos jovens afirmam ter suporte familiar, especialmente da mãe. A outra metade afirma não ter qualquer suporte familiar, isto porque a relação entre os familiares não estava bem antes de entrar no Centro Educativo, embora alguns demonstrem a vontade de retomar o relacionamento com os familiares quando saírem da instituição.

A maioria das famílias dos jovens entrevistados tem problemas na justiça, *“o meu irmão, (...), cometeu roubos, (...)”* (CEM2), *“(...) eu tenho três primos que fizeram estas cenas (roubos e agressões), um já foi deportado, um está preso e outro está lá fora”* (CEM7), *“tenho um tio que esteve preso porque matou alguém”* (CEM10), *“o meu irmão que está num Centro Educativo (...) por causa de roubos e agressões”* (CEM13), *“O meu tio (...) fez um assalto”* (CEL25), *“o meu pai e a minha mãe estão presos”* (CEMA1), *“o meu irmão está preso por roubo, furto (...)”* (CEMA5). Pelo que podemos afirmar que os jovens tendem a adotar muitos dos comportamentos familiares.

A maioria dos entrevistados vive na zona metropolitana de Lisboa, naturais de bairros problemáticos com elevadas carências económicas e sociais, *“tipo é um bairro problemático”* (CEM7), *“tem bué de confusão, porque lá também tem muitos imigrantes”* (CEM10), *“lá praticamente ninguém trabalha, (...)”* (CEMA3). Estes jovens têm consciência dos problemas vividos nos bairros onde residem e da influência negativa que estes produzem nos jovens, *“Nazaré não tem boa zona”* (...) *lá a maioria dos adolescentes estão todos perdidos no mau caminho*” (CEMA2), *“há sempre confusões, brigas, (...) muitas pessoas desempregadas sem nada o que fazer, (...), às vezes não resta alternativa senão roubar tá a ver”* (CEM7). A maioria destes jovens desenvolveu um elevado sentimento de pertença ao seu bairro, isto porque, segundo eles foi ali que aprenderam tudo. Devido à influência dos mais velhos, faltavam às aulas para passar a maior parte do tempo nas ruas do bairro a praticar delitos, *“rapazes mais velhos todos lá do bairro, todos na rua, todos bem vestidos, eu ficava a pensar também e eu queria isso. Tive muita relação com armas e drogas, para mim isso é que era vida, quando eu era pequeno queria ser como eles”* (CEMA5). No entanto, devido às fortes

ligações que mantêm com o espaço onde residem, muitos deles esperam voltar ao seu bairro e voltar a estar com os seus amigos, após o internamento.

b- Percurso escolar

A maioria destes jovens iniciou o percurso escolar no país de origem sendo que, no caso dos estrangeiros, tiveram que o retomar em Portugal. Para estes últimos, o processo de adaptação foi muito complicado, sobretudo porque o plano curricular é muito diferente. Todos demonstram fraco interesse pela escola e pelos conteúdos lecionados, *“a escola era bué diferente daquela a que eu estava acostumado (...) em Cabo Verde até gostava, mas depois aqui comecei a não gostar, porque aqui a escola é mais complicada, lá a escola é mais fácil”* (CEM2), *“sim, no primeiro ano correu tudo bem e depois no segundo começou a correr mal, fiquei farto destas cenas (em relação á escola)”* (CEM7), *“não gosto, não sei porquê (...), não gosto de estar ali sentado tanto tempo a aturar o professor, (...), escola não é para mim”* (CEMA2), *“Fui até ao 5º desisti”* (CEMA3), *“não gostava (...) não integrei bem, (...) fui pra escola, depois não tinha condições (...), não tinha nada do que era preciso na escola (...) conheci uns amigos que andavam noutras cenas (...), comecei a faltar (...) desisti da escola depois”* (CEC10), *“sinceramente não gosto, nunca gostei desde pequeno, ia para escola e fugia de la sempre, e quando chegava a casa levava da minha mãe por ter faltado a escola (...)”* (CEM13). Em geral, apresentam baixo nível de escolaridade para a sua idade, pouca motivação e falta de apoio familiar para os estudos, isto porque de acordo com o que já falamos antes a maior parte dos progenitores trabalham o dia todo, dificultando assim o processo de supervisão dos estudos.

A maioria dos jovens não gosta da escola, considera até que a escola é importante, mas que prefere fazer outra coisa em vez de estudar, como por exemplo trabalhar. Há outros ainda que se descrevem como detentores de fraca capacidade intelectual para poder prosseguir os estudos. Um facto curioso foi o de que alguns dos jovens alteraram a sua opinião sobre a escola, passaram a valorizar e a gostar mais da escola após a entrada no nos Centros Educativos *“é importante porque aprende-se a ler e a escrever, (...) para tirar a sua carta, ter a sua casa, a sua família é bom, mas eu não gosto na mesma”* (CEM13), *“lá fora não ia mas aqui dentro tenho que ir, por isso estou a começar a gostar”* (CEL25).

A opinião dos jovens em relação aos seus colegas divide-se: uns afirmam ter uma boa relação, outros afirmam que mantêm uma má relação, por vezes até

conflituosa, relatando situações em que se sentiam inferiores, levando-os a envolver-se em frequentes brigas e confusões “*chamavam-me nomes, mas eu também chamava, não podia ficar quieto diante disso, (...) eles têm a mania de que são melhores que os outros e eu não curto essa cena*” (CEM2), “*os da minha turma tínhamos uma boa relação tá a ver (...) mas há alguns na escola que eu não curtia, não ia com a cara deles (...) se me comesçassem a encher a cabeça partia logo para as agressões*” (CEM7), “*tínhamos uma boa relação, mas algumas pessoas não gostam de mim*” (CEM13). Muitos dos jovens dizem que se envolviam em brigas na escola porque estavam revoltados com as coisas que aconteciam em casa (maltrato), e quando chegavam à escola agrediam os colegas e professores.

Também no que concerne à relação destes jovens com os seus professores, as opiniões são divergentes. Se uns consideram que a relação com estes é boa, outros descrevem-na como negativa “*dávamo-nos bem*” (CEM2), “*tinha professores que dávamos bem e tinha outros que metiam raiva num gajo*” (CEM7), “*às vezes discutia com eles (...) eles têm a mania que mandam*” (CEM10) “*faltava o respeito, partia materiais (...), expulsaram-me da escola*” (CEMA2), “*insultei as professoras, (...), não bati, tinha vontade mas não fiz...*” (CEMA5).

c- Grupos de pares

Os jovens entrevistados afirmam que a maioria dos amigos é do mesmo bairro, e quando não são, estudam na mesma escola “*tenho muitos amigos, no meu bairro (...) e também tenho fora do bairro*” (CEM2), “*tenho amigos na zona e fora da zona...*” (CEM7), “*sim, os meus amigos são do Prior Velho e da Quinta do Mocho, a maioria deles são da mesma idade que eu, (...)*” (CEM10). Estes jovens parecem procurar associar-se sempre com pares que apresentam percursos semelhantes aos seus porque é ali que se sentem integrados e valorizados “*a maioria deles já entraram (Centro Educativo) só que já saíram e agora eu entrei*” (CEM13), “*eram do 2º ciclo e 3º, só que uns eram mais velhos e juntei-me a eles*” (CEMA2), “*eu era o mais pequeno, andávamos sempre juntos (...), chegava mais tarde a casa, já o povo do meu bairro não se dava com os povos de outro bairro, nós já não dávamos com os putos de outro bairro*” (CEMA5). Atribuem um papel especial aos pares, visto que fazem parte do seu dia-a-dia constituindo o seu principal suporte; esses amigos representam uma forte influência na escolha dos comportamentos e condutas - “*antes de entrar para aqui achava que eles eram importantes para mim, mas agora já não acho*” (CEM10), “*são*

importantes, são meus amigos e posso contar com eles quando preciso e eles podem contar comigo quando precisam” (CEM7).

As atividades desenvolvidas em conjunto são sobretudo atividades delituosas (e.g. roubos, agressões, etc.). Afirmam que grande parte dos crimes cometidos foi feita em coautoria com o grupo de amigos; planeavam todas as atividades a serem feitas onde cada um tinha uma função. Também se divertiam muito com os amigos, saíam muitas vezes à noite *“a maior parte das vezes roubava com os meus colegas”* (CEM2), *“acordava, tomava o pequeno-almoço e ia girar com os meus amigos (...) não iam para a escola, basicamente não fazia nada, era só curtir (...) vida boa sempre”* (CEM7), *“roubávamos os telemóveis, dinheiro aos “tugas”, portávamo-nos mal, toda a hora a lutar na rua, passear (...)”* (CEM10), *“saía muitas vezes, (...) com os meus amigos de carro, (...), fumávamos, bebíamos, curtíamos muito quando estávamos juntos”* (CEL25), *“ficava na rua com os meus amigos a fazer a nossa vida de bairro e quando aparecia a policia era confusões tínhamos de correr para casa...”* (CEMA5).

Os jovens entrevistados afirmam que passavam muito tempo na rua com os amigos, a passear e a cometer crimes (roubar, agredir outras pessoas, etc.) *“saía de manhã e voltava para casa à noite”* (CEM2), *“passava muito tempo na rua com os meus amigos (...)”* (CEM13).

Os jovens entrevistados atribuem diferentes significados aos crimes cometidos. Alguns afirmam que cometeram crimes por influência de amigos, sendo que geralmente os comportamentos delituosos tiveram origem na infância/escola e depois aumentou tanto de gravidade como de frequência *“tipo no início comecei a fazer coisas mais leves, depois com o tempo as coisas começaram a evoluir”* (CEM2). Para outros, a principal motivação e significado é o dinheiro, os grupos de pares e a manutenção do consumo *“para comprar roupas e essas coisas”* (CEMA4), *“por influências de amigos, eu não precisava, (...) mas eu fumo ganza e cigarro, por isso tinha que arranjar dinheiro para conseguir comprar tabaco e ganza”* (CEM7).

Seis dos jovens entrevistados afirmam que antes de entrarem no centro consumiam bebidas alcoólicas e algum tipo de droga (e.g. haxixe, cocaína, heroína) *“consumia todos os dias” (em relação ao tabaco e ganzas), (...), bebia whisky e as bebidas mais pesadas (e.g. vodca, grogue)”* (CEM7), *“fumava haxixe (...) bebia toda a hora, bebia cerveja de litro e depois saímos para a noite....”* (CEM10), *“fumava em Angola (ganza) (...) fumava com os rapazes mais velhos, não havia nada de mais nisso”* (CEL25), *“eu comecei aos 13 anos (...) consumia tipo cocaína, heroína,*

estupefacientes, inalantes” (CEMA2), “fumava haxixe, já vendi, mas não por muito tempo” (CEMA3), “tive muita relação com armas e drogas” (CEMA5).

5.1.3- Atividades Marginais

a- Trajetórias institucionais

Grande parte dos jovens já tinha sido sinalizada pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens no âmbito do processo de promoção e proteção especialmente por comportamentos disruptivos e dificuldades escolares. A par disso cerca da metade dos jovens já beneficiaram de algum tipo de medida tutelar educativa (acompanhamento educativo, internamento aos fins de semanas, internamentos em centros educativos, etc.). Os crimes mais cometidos por estes jovens são: roubo, furto e agressões *“cometi crimes, roubos a casas, a pessoas na rua...” (CEM2), “roubos e agressões” (CEM7), “através de roubos...” (CEMA3).*

A maioria dos jovens vê hoje as suas atitudes e comportamentos criminosos como algo do passado. Afirmam que com a institucionalização os seus comportamentos têm vindo a alterar-se, considerando-se mais calmos e menos problemáticos. Muitos acreditam que conseguiram mudar de comportamento no decurso da medida que lhes foi aplicada e quando saírem não irão repetir os mesmos comportamentos que os levaram ao Centro Educativo *“agora quando eu sair daqui eu sei que não vou entrar mais nessa vida, porque é muito duro estar aqui num lugar fechado, (...), não vou andar a fazer porcarias” (CEM2), “não quero correr o risco de voltar para aqui” (CEMA5), “(...) deixava-me influenciar por pequenas coisas, agora já não deixo (...) não me posso esquecer do que já sofri, tive muito tempo num colégio, sei que é difícil estar num colégio, sem ver a família, sem fazer nada” (CEMA2).* O facto de a maioria destes jovens serem vítimas enquanto criança, tanto de negligência como de maus tratos, parece influenciar a entrada no mundo do crime, como se pode confirmar no discurso deste jovem *“eu era muito revoltado por ser maltratado em casa (...) por isso agredia aqueles que apareciam à minha frente” (CEL25).*

Relativamente às expectativas para o futuro a maioria dos entrevistados demonstram o interesse em construir uma família, em terminar os estudos e deixar a vida que levavam antes de entrar no Centro Educativo. Há outros ainda que afirmam que devido ao pouco tempo de permanência no centro ainda não pensaram no que vão fazer quando saírem.

5.2- Resultados – Dados Quantitativos

5.2.1- Caracterização dos comportamentos delinquentes e dos comportamentos antissociais

A tabela 1 apresenta a média dos comportamentos delinquentes e antissociais no grupo de jovens de nacionalidade portuguesa com ascendência estrangeira. Conforme se pode verificar, o comportamento delincente mais praticado na nossa amostra é o “resistir ou brigar para escapar à polícia”, seguindo-se o “gastar frequentemente no jogo mais dinheiro do que pode”. No que concerne ao comportamento antissocial, aquele que surgiu com a pontuação mais elevada foi o “comer em locais proibidos”, seguindo-se o “dizer palavrões ou expressões grosseiras”.

Tabela 1:

Média dos comportamentos delinquentes e antissociais praticada por jovens portugueses

Comportamento delincente	Média (DP)
Resistir ou brigar para escapar da polícia.	5.45 (3.88)
Gastar frequentemente no jogo mais dinheiro do que pode.	5.18 (3.74)
Pertencer a uma turma que arma confusões e se mete em problemas	4.73 (4.08)
Roubar coisas de grandes armazéns, supermercados, entre outros, estando abertos.	4.19 (3.37)
Andar, sem autorização, de bicicleta, de carro ou de mota de um desconhecido para dar um passeio, com a única intenção de se divertir.	4.18 (4.02)
Comportamento antissocial	
Comer em locais proibidos (trabalho, escola, cinema, etc.).	4.818 (3.37)
Dizer palavrões ou expressões grosseiras.	4.364 (3.32)
Brigar com os outros (com golpes, insultos ou palavras ofensivas).	4.363 (3.50)
Negar-se a fazer as tarefas pedidas (no trabalho, na escola ou em casa).	4.000 (3.69)
Responder mal a um superior ou autoridade (em casa, no trabalho, na escola ou na rua).	3.727 (3.35)

A tabela 2 apresenta a média das pontuações dos comportamentos delinquentes e antissociais no grupo de jovens estrangeiros. Neste caso, o comportamento delincente com maior pontuação é o “transportar uma arma (faca ou canivete) caso considere necessário numa briga”, seguindo-se o “usar drogas”. Paralelamente, no que diz respeito aos comportamentos antissociais, é de referir que o mais frequente é o “responder mal a um superior ou autoridade (em casa, no trabalho, na escola ou na rua)”, seguindo-se o “chegar de propósito mais tarde do que o permitido (em casa, no trabalho, a um compromisso, etc.)”.

Tabela 2:

Média dos comportamentos delinquentes e antissociais praticada por jovens estrangeiros

Comportamento delincente	Média (DP)
Transportar uma arma (faca ou canivete) caso considere necessário numa briga.	4.33 (3.97)
Usar drogas.	4.22 (4.27)
Resistir ou brigar para escapar da polícia.	4.11 (3.89)
Destruir ou danificar coisas em lugares públicos.	4.11 (3.48)
Entrar num bar proibido ou comprar bebidas proibidas	4.00 (4.36)
Comportamento antissocial	
Responder mal a um superior ou autoridade (em casa, no trabalho, na escola ou na rua).	5.00 (3.64)
Chegar de propósito mais tarde do que o permitido (em casa, no trabalho, a um compromisso, etc.).	4.22 (4.06)
Brigar com os outros (com golpes, insultos ou palavras ofensivas).	4.22 (3.99)
Dizer palavrões ou expressões grosseiras.	4.22 (3.38)
Negar-se a fazer as tarefas pedidas (no trabalho, na escola ou em casa).	4.00 (3.50)

5.2.2- Caracterização da violência no namoro (física e emocional)

Analisando, em pormenor, os atos da violência física no grupo de jovens de nacionalidade portuguesa, verificou-se que nas relações atuais não houve um único comportamento que destacasse, mas sim um conjunto de comportamentos como é o caso de “dar uma bofetada”, “dar um murro”, “dar uma sova”, entre outros. Por outro lado, no que diz respeito à vitimação, também não houve um comportamento que se destacasse como sendo o mais prevalente, mas sim, um conjunto de comportamentos com igual prevalência (“dar uma bofetada”, “dar um murro”, “atirar com objetos à outra pessoa”, entre outros comportamentos conforme demonstra a tabela 3). Se atendermos aos relacionamentos anteriores, é possível verificar que a perpetração da violência física com maior expressividade continua a ser os mesmos que nas relações atuais (e.g. “dar uma bofetada”, “dar um murro”, “dar empurrões violentos”, etc.). Quanto à vitimação, destacou-se um conjunto de comportamentos (e.g. “dar uma bofetada”, “dar um murro”, “dar empurrões violentos”, etc.) (cf. Tabela 3).

Por outro lado, se atendermos aos atos de violência emocional no grupo de jovens de nacionalidade portuguesa, verifica-se que no relacionamento atual em relação à perpetração não houve um único comportamento que destacasse, mas sim todos (“insultar, difamar ou fazer afirmações graves para “ferir”, “gritar ou ameaçar para meter medo”, “partir ou danificar coisas intencionalmente” etc.). No que diz respeito à vitimação, igualmente não se destaca nenhum comportamento em especial, mas sim um

conjunto de comportamentos (“gritar ou ameaçar, para meter medo”, “acordar no meio da noite para causar medo”). Relativamente às relações anteriores, na presente amostra, os atos mais frequentes ao nível da perpetração são o “insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou “ferir”, “impedir o contacto com outras pessoas” e “ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidiano”. Paralelamente, no que diz respeito à vitimação, destaque para o “impedir o contacto com outras pessoas”, “insultar, difamar ou fazer afirmações graves para ferir”, “perseguir na rua, emprego ou local de estudo para causar medo”, “gritar ou ameaçar para meter medo” (cf. Tabela 3).

Tabela 3:

Prevalência dos diferentes atos de violência física e emocional nas relações atuais e nas relações passadas - jovens portugueses

	Jovens Portugueses			
	Relação atual (N=6)		Relação passada (N=6)	
	Agressor	Vítima	Agressor	Vítima
Comportamentos físicos abusivos				
Puxar os cabelos com força	0	0	0	0
Dar uma bofetada	1	1	1	1
Apertar o pescoço	0	0	0	0
Ameaçar com armas (e.g. faca, pistola, objetos cortantes) ou usando força física.)	0	0	0	1
Dar um murro	1	1	1	1
Atirar com objetos à outra pessoa	1	1	1	1
Dar uma sova	1	1	1	0
Dar pontapés ou cabeçadas	1	1	1	1
Dar empurrões violentos	1	1	1	1
Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão	1	1	0	0
Causar ferimentos que não necessitam de assistência médica	1	1	0	1
Causar ferimentos que necessitam de assistência médica	1	1	0	0
Forçar outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade	1	1	0	0
Comportamentos emocionais abusivos				
Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para “ferir”	1	0	1	1
Partir ou danificar coisas intencionalmente	1	1	0	0
Acordar a meio da noite para causar medo	1	1	1	0
Impedir contactos com outras pessoas	1	1	1	1
Perseguir na rua, emprego ou local de estudo para causar medo	1	1	0	1
Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidiano	1	1	1	0

Gritar ou ameaçar para meter medo	1	1	0	1
-----------------------------------	---	---	---	---

No que concerne ao grupo de participantes estrangeiros, e analisando em pormenor os atos da violência física, verificou-se que o mais perpetrado, nas relações atuais foi o “dar uma bofetada”. Por outro lado, no que diz respeito à vitimação destacam-se com mais frequência: “ameaçar com armas (e.g. faca, pistola, objetos cortantes) ou usando força física”, “dar uma bofetada” e “dar um murro”. Por outro lado, se atendermos aos relacionamentos anteriores, é possível verificar que a perpetração da violência física com maior expressividade continua a ser o “atirar com objetos à outra pessoa”, quer ao nível da perpetração, quer ao nível da vitimação (cf. Tabela 4). Por outro lado, se observarmos os atos de violência emocional no grupo de jovens estrangeiros, verifica-se que no relacionamento atual o ato mais perpetrado é o de “impedir o contacto com outras pessoas”. No que diz respeito à vitimação o mais praticado é igualmente o ato de “impedir o contato com outras pessoas”. Relativamente às relações anteriores, na presente amostra, o ato mais prevalente, quer ao nível da perpetração quer ao nível da vitimação é o de “impedir o contacto com outras pessoas” (cf. Tabela 4).

Tabela 4:

Prevalência dos diferentes atos de violência física e emocional nas relações atuais e nas relações passadas – jovens estrangeiros

	Jovens estrangeiros			
	Relações atuais (N=5)		Relações passadas (N=4)	
	Agressor	Vítima	Agressor	Vítima
Comportamentos físicos abusivos				
Puxar os cabelos com força	1	0	0	0
Dar uma bofetada	2	1	0	0
Apertar o pescoço	1	0	0	0
Ameaçar com armas (e.g. faca, pistola, objetos cortantes) ou usando força física.)	1	1	0	0
Dar um murro	1	1	0	0
Atirar com objetos à outra pessoa	1	0	1	1
Dar uma sova	0	0	0	0
Dar pontapés ou cabeçadas	0	0	0	0
Dar empurrões violentos	0	0	0	0
Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão	0	0	0	0
Causar ferimentos que não necessitam de assistência médica	0	0	0	0
Causar ferimentos que necessitam de assistência médica	0	0	0	0
Forçar outra pessoa a manter atos sexuais	1	0	0	0

contra a sua vontade				
Comportamentos emocionais abusivos				
Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para “ferir”	1	0	0	0
Partir ou danificar coisas intencionalmente	1	1	0	0
Acordar a meio da noite para causar medo	0	1	0	0
Impedir contactos com outras pessoas	2	2	1	1
Perseguir na rua, emprego ou local de estudo para causar medo	0	0	0	0
Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidiano	0	0	0	0
Gritar ou ameaçar para meter medo	0	1	0	0

5.2.3- Crenças sobre a violência no namoro

Relativamente à Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal, o grupo de jovens de nacionalidade portuguesa apresenta, em média 42.27 (DP=12.64) pontos em relação à legitimação e banalização da pequena violência (fator 1), oscilando entre um valor mínimo de 16 pontos e um máximo de 63 pontos. Na legitimação da violência pela conduta da mulher (fator 2) este grupo obteve uma pontuação média de 27.91 (DP=8.23), oscilando entre um valor mínimo de 10 pontos e um valor máximo de 37 pontos. Paralelamente, na legitimação da violência pela sua atribuição a causas externas (fator 3) este grupo obteve uma pontuação média de 24.36 (DP=7.24), com um valor mínimo de 8 pontos e uma pontuação máxima de 32 pontos. Por fim, a média de pontos na legitimação da violência pela preservação da privacidade familiar (fator 4) foi de 18.90 (DP=5.58), oscilando entre um valor mínimo de 6 pontos e um valor máximo de 25 pontos (cf. Tabela 5).

Quanto ao grupo de jovens estrangeiros, no que concerne aos resultados obtidos na Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC), e conforme demonstra a tabela 7, verifica-se que estes apresentam, em média 48.80 (DP=8.81) pontos em relação à legitimação e banalização da pequena violência (fator 1) oscilando entre um valor mínimo de 31 pontos e um máximo de 57 pontos. Na legitimação da violência pela conduta da mulher (fator 2) este grupo obteve uma pontuação média de 28.90 (DP=6.42), oscilando entre um valor mínimo de 18 pontos e um valor máximo de 40 pontos. Paralelamente, na legitimação da violência pela sua atribuição a causas externas (fator 3) este grupo obteve uma pontuação média de 25.00 (DP=5.81), com um valor mínimo de 13 pontos e uma pontuação máxima de 31 pontos. Por fim, a média de

pontos na legitimação da violência pela preservação da privacidade familiar (fator 4) foi de 18.30 (DP=5.01), oscilando entre um valor mínimo de 11 pontos e um valor máximo de 23 pontos (cf. Tabela 5).

Tabela 5:
Crenças favoráveis sobre a violência no namoro

	Jovens portugueses			Jovens estrangeiros		
	Valor médio (DP)	Valor mínimo	Valor máximo	Valor médio (DP)	Valor mínimo	Valor máximo
Fator 1	42.27 (12.64)	16	63	48.80 (8.81)	31	57
Fator 2	27.91 (8.23)	10	37	28.90 (6.42)	18	40
Fator 3	24.36 (7.24)	8	32	25.00 (5.81)	13	31
Fator 4	18.90 (5.58)	6	25	18.30 (5.01)	11	23

5.2.4- Caraterização dos níveis de aceitação e rejeição do parceiro amoroso

Pela análise da tabela 8 verifica-se que a dimensão mais prevalente no grupo dos jovens estrangeiros é a hostilidade, com um valor médio de 18.67 (DP=5.09). No outro extremo, a dimensão menos frequente nesta amostra é a rejeição indiferenciada, com um valor médio de 12.33 (DP=2.33) (cf. Tabela 6).

Tabela 6:
Caraterização das diferentes dimensões do IPARQ - jovens estrangeiros

	Média (DP)
Carinho	16.00 (5.44)
Hostilidade	18.67 (5.09)
Indiferença	16.33 (3.50)
Rejeição indiferenciada	12.33 (2.33)
Rejeição total	73.75 (7.27)

Se atendermos ao grupo de jovens de nacionalidade portuguesa verificamos que, tal como no grupo anterior (jovens estrangeiros) a dimensão mais prevalente é a hostilidade, com um valor médio de 18.67 (DP=6.41) e no extremo oposto, a dimensão menos prevalente é o carinho, com um valor médio de 11.83 (DP=3.92).

Tabela 7:
Caraterização das diferentes dimensões do IPARQ - jovens portuguesas

	Média (DP)
Carinho	11.83 (3.92)
Hostilidade	18.67 (6.41)
Indiferença	16.50 (6.54)
Rejeição indiferenciada	13.03 (4.58)
Rejeição total	75.43 16.47)

6- Discussão dos resultados

A presente investigação procurou compreender a relação entre a prática de comportamentos antissociais e delitivos, as crenças e práticas de violência no namoro e a perceção de aceitação-rejeição do par amoroso junto de jovens estrangeiros e jovens portugueses com ascendência estrangeira que se encontram internados em Centros Educativos Portugueses.

Existe uma média bastante elevada dos comportamentos antissociais e delitivos tanto nos jovens estrangeiros como nos jovens portugueses com ascendência estrangeira, contudo existem diferenças em relação ao nível da pontuação dos comportamentos. Os comportamentos delinquentes e antissociais mais frequentes nos jovens portugueses são “resistir ou brigar para escapar à polícia”, “gastar frequentemente no jogo mais dinheiro do que pode”, “comer em locais proibidos” e “dizer palavrões ou expressões grosseiras”; e nos jovens estrangeiros os comportamentos delinquentes e antissociais mais prevalentes são “transportar uma arma (faca ou canivete) caso considere necessário numa briga”, “usar drogas”, “responder mal a um superior ou autoridade (em casa, no trabalho, na escola ou na rua)” e “chegar de propósito mais tarde do que o permitido (em casa, no trabalho, a um compromisso, etc.)”. De igual forma a violência no namoro (emocional e física) encontra-se presente na nossa amostra sendo que nos jovens portugueses os comportamentos mais prevalentes são “dar uma bofetada”, “dar um murro”, “atirar com objetos à outra pessoa” e “gritar ou ameaçar, para meter medo”. De igual forma nos jovens estrangeiros os comportamentos que mais destacaram foram “dar uma bofetada”, “ameaçar com armas (e.g. faca, pistola, objetos cortantes) ou usando força física” e “impedir o contacto com outras pessoas”. Grande parte dos jovens portugueses e estrangeiros legitimam e banalizam a pequena violência, contudo os jovens estrangeiros são os que mais legitimam.

Na grande maioria dos jovens entrevistados o contexto familiar encontra-se bastante fragilizado. As relações escolares são pouco valorizadas, no entanto a relação com o grupo de pares e a comunidade envolvente parece preencher um vazio, recriando um sentimento de pertença e ligação emocional, parecendo muitas das vezes substituir os laços e ligações familiares fragilizados. Toda esta panóplia de relações caracteriza os contextos de vida dos jovens. Estes contextos são preenchidos por diferentes dinâmicas

e comunicações que determinam as opções e tomadas de decisão dos jovens, desenhando assim os percursos individuais de cada um.

O contexto familiar dos jovens é descrito, nas entrevistas, como um contexto maioritariamente sem regras e normas, com uma marcada ausência dos pais no seu dia-a-dia, devido à precaridade económica que leva muitos destes a trabalhar muitas horas para conseguir algum dinheiro. Alguns dos jovens não mantêm comunicação com um dos progenitores ou ambos e perdem ligação com a restante família no país de origem, após ao processo de imigração constituíam as suas redes de suporte social no país de acolhimento. A adaptação ao país é sempre um processo complexo, e estes jovens chegam a um novo país, perdem relações familiares, de vizinhança e de amigos e não conseguem encontrar nos progenitores o tempo e disponibilidade necessária para fazer face a esta fase.

A escola tem para estes jovens pouco significado e importância. É nas escolas que muitas das vezes realizam os seus primeiros comportamentos delituosos como forma de inserção, aceitação e determinação em grupos de pares. A desistência da escola está presente em todos os jovens entrevistados, no entanto muitos deles após as institucionalizações alteraram a sua opinião sobre a importância da escola, investindo mais neste contexto. As diferenças de estrutura e conteúdo entre a escola do país de origem e a escola em Portugal parecem ser a grande dificuldade dos jovens que acabam por não se conseguir adaptar. As dinâmicas desenvolvidas com os professores são disfuncionais na grande maioria e em larga medida devido à dificuldade que os jovens demonstram em acatar regras e normas.

Esses resultados vão de encontro a muitos dos estudos desenvolvidos anteriormente (e.g. Aebi, 2003; Carvalho, 2000; Le Blanc, Ouimet & Szabo, 2008; Oesterle, 2012) que afirmam que a maioria dos comportamentos delinquentes e antissociais é aprendido no seio da comunidade onde as instituições de controlo social, nomeadamente a família e a escola, não conseguem exercer o devido controlo aos jovens. Estes jovens vivem em bairros sociais marcados pela precariedade financeira e diversos problemas sociais. Apresentam uma forte ligação à comunidade envolvente, criando grupos de amigos que sustentam as suas redes de suporte. Muitos afirmam que acabam por fazer muitos dos seus delitos por influência e desejo de serem incluídos no grupo, isto porque muitas vezes há um grande sentimento de deslocação e vazio dos jovens imigrantes que vivem contextos familiares deficientes promove esta necessidade em se incluírem, adquirindo aqui a pertença e segurança necessária.

Grande parte dos participantes desse estudo tiveram como influência para a entrada no mundo da delinquência as atitudes favoráveis em relação ao crime por parte dos pares, dos familiares e da comunidade. Como já foi referido antes, a maioria desses jovens reside em bairros sociais onde a pobreza, a criminalidade, o tráfico de drogas são os principais panoramas existentes, sendo assim podemos afirmar que grande parte das trajetórias desviantes desses jovens deve-se a atitudes favoráveis dos pais, dos pares e da comunidade em geral em relação ao crime, resultados que pode ser explicado com base nalgumas teorias explicativas da delinquência juvenil (e.g. teoria da associação diferencial e a teoria da desorganização social) que afirmam que a família, os grupos de amigos e a comunidade em geral ocupam um papel central na forma de agir perante o crime, isto porque, é através do processo da comunicação e das interações pessoais que o indivíduo aprende a exibir comportamentos favoráveis ou desfavoráveis face ao crime.

Podemos afirmar que os mesmos contextos não se refletem em rumos idênticos. A forma como cada jovem percebe, estrutura e adapta a realidade que o envolve é singular, no entanto esses contextos podem determinar posteriormente os comportamentos e atitudes que cada um irá desenvolver com base naquilo que lhe foi transmitido. Os jovens entrevistados apresentam percursos desviantes e delinquentes, diversos e variados, ligados à individualidade de cada um, a escolha destes percursos tem a sua origem nas experiências e aprendizagens que os jovens realizam nos seus distintos contextos de vida (e.g. família, escola, comunidade, grupos de pares, etc.). São essas relações, comunicações e dinâmicas subjacentes que marcam e desenham os percursos posteriores dos jovens.

A consequente e recorrente vitimação que sofrem cria uma gestão deficiente das emoções transformando a violência num comportamento adaptativo e normativo, de resposta e resolução de problemas. Os seus percursos são marcados por diversos crimes, nomeadamente de roubo, assalto e ofensa à integridade física. Na maioria das vezes, estes crimes são cometidos como forma de obter dinheiro e para se integrarem em grupos de pares. Contextos familiares marcados pela violência, pela insuficiência de comunicação e pela precariedade económica são também fortes indicadores de vitimação que marcam as opções dos jovens.

Os jovens veem muitas vezes o crime como a única saída, como um comportamento normativo e justificado pelas suas necessidades e condições de vida precária. É certo que uma criança à qual não lhe é facilitado o acesso a uma situação

económica favorável, a um certo estatuto social e a uma estrutura familiar funcional terá maior tendência para enveredar por caminhos menos aceitáveis socialmente como é o caso dos jovens estrangeiros e jovens portugueses com ascendência estrangeira, isto porque como já foi referido antes geralmente essas famílias vivem em situações de elevadas precaridades económicas e laborais. Esta ideia está patente nos discursos da maioria dos jovens entrevistados que afirmam que a entrada na vida da delinquência deve-se a dificuldades económicas. No entanto, tal como afirma Gonçalves (2000) ter consciência da desigualdade social e ter consciência que o crime não é só um comportamento de classes desfavorecidas, são alguns fatores que devem ajudar a relativizar o dispêndio de esforços e recursos nestas intervenções e por outro lado, deve permanecer e até mesmo ser incentivada a aposta na investigação a fim de se elaborarem sobretudo programas fidedignos. Por isso torna-se importante perceber que comportamentos desviantes e delinquentes surgem como esferas complexas e diversificadas, muitas das vezes longe do entendimento. É necessário observar a realidade de cada um, perceber e apreender o meio envolvente e sobretudo não esquecer a individualidade de cada jovem.

Parte III- Conclusões

Educar não é uma tarefa fácil e mais difícil se torna quando se vive numa sociedade como a de hoje, num ambiente totalmente novo onde a tradição e a cultura é diferente, em que as crianças estão expostas a riscos acrescidos e com pouca vigilância por parte dos pais e/ou educadores cujo a maioria das vezes a “palavra de ordem” é dificuldades, enveredar por condutas desviantes pode tornar-se compensatório e simples. Assim, a violência adquire um carácter instrumental, ou seja, um meio para se atingir algo (Teles et al., 2006) quer a nível financeiro, quer a nível social, ou mesmo a nível emocional.

Através deste estudo empírico verifica-se, como era de esperar, uma elevada incidência de comportamentos delitivos e antissociais nesta população. Tal resultado não é uma novidade tendo em consideração o contexto em estudo e toda a investigação já realizada nesta área. De igual forma, verificou-se que a violência (física e emocional) nas relações atuais como nas relações passadas é uma dominante nesta amostra tanto nos jovens estrangeiros como nos jovens portugueses com ascendência estrangeira. A maioria dos jovens apresenta crenças favoráveis em relação à violência no namoro, especialmente crenças que legitimam e banalizam a pequena violência. Verifica-se que

a hostilidade é a dimensão da rejeição mais frequente nas relações de namoro tanto nos jovens portugueses como nos jovens estrangeiros. Verificou-se também que a rejeição total é mais frequente no grupo de jovens portugueses do que no grupo de jovens estrangeiros.

O contexto familiar destes jovens é bastante fragilizado, com pouca vigilância e controlo por parte dos progenitores, com historial de violência doméstica, maus-tratos e negligência. Já o seu percurso escolar é marcadamente deficitário com uma elevada percentagem de retenção e/ou abstenção antes de entrar para o centro educativo, sendo que a diferença existente entre o plano curricular e a língua (de origem) são apontadas como as principais causas do abandono escolar, associando a pares desviantes com o mesmo historial de comportamentos delitivos, que acabam por incluir cada vez mais atividades criminais nas suas rotinas, visto que no grupo de pares esses comportamentos são vistas como sendo uma “opção de vida” onde se pode conseguir tudo com o mínimo de esforço. O consumo de drogas e álcool é uma prática constante, sendo que o haxixe é a droga mais consumida, seguido de bebidas alcoólicas dos mais variados tipos (e.g. grogue, whisky, cerveja, etc.). Sair do centro, continuar a estudar, arranjar um emprego fixo, construir uma família são as principais expectativas demonstradas pelos jovens entrevistados.

Ao longo da realização deste trabalho deparamo-nos com algumas limitações quer em termos teóricos, quer em termos metodológicos. Assim, a primeira limitação prende-se com o facto de existirem ainda poucos estudos realizados acerca desta população, o que limita o conhecimento acerca da mesma. A segunda limitação diz respeito à fraca adesão dos jovens tanto em participar nas entrevistas como no preenchimento dos questionários. A terceira limitação remete para o tipo de amostra desta investigação, uma vez que foi utilizada uma amostra por conveniência e com um número muito reduzido de participantes, o que não permite a generalização dos resultados. Deste modo considera-se pertinente a replicação desta investigação noutros Centros Educativos do país, desta vez tanto com os rapazes e com as raparigas e com uma amostra mais alargada.

No futuro seria pertinente desenvolver um estudo com a metodologia mista só com jovens imigrantes, tanto do sexo feminino como masculino com intuito de perceber se a trajetória migratória influencia ou não a entrada para o mundo do crime.

Referências

- Adorno, S., & Peralva, A. (1997). Estratégias de intervenção policial no Estado contemporâneo. *Tempo Social: Revista da Sociologia*, 9(1), 1-4. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20701997000100001>;
- Adorno, S., Bordini, E. B. T., & Lima, R. S. (1999). O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana. *São Paulo em Perspetiva*, 13(4), 62-74. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88391999000400007>;
- Aebi, M. F. (2003). Familia disociada y delincuencia: el caso suizo en los años 1990. *Revista Electrónica de Ciencia Penal y Criminología*. 08:1-08:28. Retrieved from <http://criminnet.ugr.es/recpc/05/recpc05-08.pdf>;
- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo - Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), 105-120. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872004000100009&script=sci_arttext;
- Ali, S. (2011). Perceived teacher and parental acceptance-rejection, and the academic achievement, adjustment, and behavior of children: Literature review. *Journal of Peace and Development Studies*, 2(5), 138-147. Retrieved from <http://www.academicjournals.org/ijpds/pdf/Pdf2011/June/Ali.pdf>;
- Anaconda, C. A. R (2008). Prevalencia, factores de riesgo y problemáticas asociadas com la violencia en el noviazgo: una revisión de la literatura. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 26(2), 227-241. Retrieved from http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-47242008000200009&script=sci_arttext
- APAV (2010). O contributo da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima para o Plano Nacional de Saúde 2011-2016;
- APAV (2011). Manual crianças e Jovens Vítimas de Violência: compreender, intervir e prevenir. Lisboa;
- Arzeen, S., Hassan, B. & Riaz, M. N. (2012). Perception of Parental Acceptance and Rejection in Emotionally Empathic and Non-Empathic Adolescents. *Pakistan Journal of Social and Clinical Psychology*, 9(3), 60-69. Retrieved from <http://www.gcu.edu.pk/FullTextJour/PJSCS/2012july/10.pdf>;
- Assis, S. G. & Constantino, P. (2005). Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(1), 81-90. doi.org/10.1590/S1413-81232005000100014;

- Assiz S. G. & Souza, E. R. (1999). Criando Caim e Abel: Pensando a prevenção da infração juvenil. *Ciência e Saúde Coletiva*, 4(1), 131-144. doi.org/10.1590/S1413-81231999000100011
- Balista, C., Basso, E., Cocco, M. & Geib, L. T. C. (2004). Representações sociais dos adolescentes acerca da violência doméstica. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 06 (03), 350-357. Retrieved from http://www.fen.ufg.br/fen_revista/revista6_3/pdf/05_Original.pdf;
- Bandura, A. (1977). Social learning theory. EUA: Prentice Hall;
- Barreira, A. K., Lima, M. L. C. & Avanci, J. Q. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(1), 233-243. doi.org/10.1590/S1413-81232013000100024;
- Barroso, Z. (2004). *Gênero e violência nas relações Amorosas: uma análise sociológica dos casos detetados no Instituto de Medicina Legal de Coimbra e Porto*. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: Centro de Estudos Sociais. <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel12/ZeliaBArroso.pdf>;
- Barroso, Z. (2008). *Violência nas Relações Amorosas*. VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas. Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa;
- Bartholomew, K., Henderson, A. & Dutton, D. (2001). Insecure Attachment and Partner Abuse. In C. Clulow (Ed.), *Adult Attachment and Coup*;
- Bartol, C. R., & Bartol, A. M. (2009). *Juvenile Delinquency and antisocial behavior: a developmental perspective* (3th ed.) Pearson-Prentice-Hall;
- Bell, K. M. & Naugle, A. E. (2008). Intimate partner violence theoretical considerations: Moving towards a contextual Framework. *Clinical Psychology Review*, 28, 1096–1107. doi:10.1016/j.cpr.2008.03.003;
- Benavente, R. (2002). Delinquência juvenil: da disfunção social à psicopatologia. *Análise psicológica*, 4(XX), 637-645. Retrieved from http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312002000400008&script=sci_arttext;

- Bernburg, J. G. (2002). Anomie Social Change and Crime: A theoretical examination of institutional Anomie theory. *British Journal of Criminology*, 42, 729-742. Retrieved from <http://rcirib.ir/articles/pdfs/cd1%5CIngenta Sage Articles on 194 225 11 89/Ingenta943.pdf>;
- Bertoldo, R. B. & Barbará, A. (2006). Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. *Psico-USF*, 11(2), 229-237. <http://www.scielo.br/pdf/psuf/v11n2/v11n2a11.pdf>;
- Boivin, S., Lavoie, F., Hébert, M. & Gagné, M. H. (2012). Past Victimizations and Dating Violence Perpetration in Adolescence: The Mediating Role of Emotional Distress and Hostility. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(4) 662-684. DOI: 10.1177/0886260511423245;
- Bolsoni-Silva, A. T. & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*. 7(2), 227-235;
- Bordin, I. & Offord, D. R.. (2000). Transtorno da conduta e comportamento anti-social. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22(2), 12-15. doi.org/10.1590/S1516-44462000000600004;
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. Lisboa: Climepsi Editores;
- Brewer, D. D., Hawkins, J. D., Catalano, R. F. & Neckerman, H. J. (1995) Preventing serious, violent, and chronic juvenile offending: A review of evaluations of selected strategies in childhood, adolescence,, and the community. In Sourcebook on Serious Violent, and chronic juvenile offenders. Edited by J. C. Howell, B. Krisberg, J. D. in adolescent and young adult females: A European review. *European Journal of Criminology*, 7 (4) 266–284;
- Brown, L. K., Puster, K. L., Vazquez, E. A., Hunter H. L. & Lescano, C. M. (2007). Screening Practices for Adolescent Dating Violence. *Journal of Interpersonal Violence*. 22 (4), 456-464. DOI: 10.1177/0886260506296987;
- Caridade, S. (2008). *Violência nas relações de intimidade: comportamentos e atitudes dos jovens*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga;
- Caridade, S., & Machado, C. (2010). *Violência na intimidade juvenil: prevalência, factores de risco e atitudes*. In Machado, C. (coord). *Novas formas de vitimação criminal (pp. 13-59)*.Braga: Psiquilibrios Edições;

- Caridade, S., Machado, C. & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: Estudo com jovens estudantes. *Psychologica*, nº 46, 197-214;
- Caridade, S., Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4 (XXIV), 485-493;
- Caridade, S., Machado, C. (2008). *Violência Sexual no Namoro: Relevância da Prevenção*. *Psicologia*, XII (1), 77-104;
- Caridade, S., Machado, C., & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: estudo exploratório em jovens estudantes. *Psychologica*, 46, 197-214;
- Carvalho, M. J. L. (2003). *Entre as malhas do desvio. Jovens, Espaços Trajectórias e Delinquências*. Oeiras: Celta Editora;
- Carvalho, M. J. L. (2005). Jovens, espaços, trajetórias e delinquências. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 71-93. Retrieved from <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n49/n49a05.pdf>;
- Carvalho, M. J. L. (2010). *Do outro lado da cidade: crianças, socialização e delinquência em bairros de realojamento*. Tese de doutoramento, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa;
- Carvalho, M. J. L. (2012). Delinquência de crianças e jovens: uma questão de olhar(es)? *ALICERCES*, Lisboa: Edições Colibri / Instituto Politécnico de Lisboa, 23-35. http://www.ipl.pt/sites/ipl.pt/files/alicerces_5.pdf;
- Carvalho, M. J. L. (2012). Delinquência de crianças e jovens: uma questão de olhar(es)? *CESNOVA: Centro de Estudos de Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa*;
- Carvalho, M. J. L. (2013a). Do outro lado da cidade: Crianças, urbanização e violência na área metropolitana de Lisboa. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 72, 79-101. <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/10340/10483.pdf>;
- Carvalho, M. J. L. (2013b). *Delinquência infantil e juvenil e justiça em Portugal: uma questão de olhar(es)?* Observatório Permanente da juventude. <http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/marco-2013>;
- Cerqueira, D. & Lobão, W. (2004). Determinantes da Criminalidade: Arcabouços Teóricos e Resultados Empíricos. *Revista de Ciências Sociais*, 47(2), 233-269;
- CFCE (2012). Relatório da Comissão de Acompanhamento e Fiscalização dos Centros Educativos, 2012. Retrived from <http://www.sg.mj.pt/sections/noticias/relatorio-sobre->

centros/downloadFile/attachedFile_f0/Relatorio_CFCE2012.pdf?nocache=1339531226.66;

- Coelho, C., Machado, C. (2010). *Violência Entre Jovens: Prevenção Através da Educação por Pares*. VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia na Universidade do Minho. Braga;
- Collado, E. N. & García, J. J. M. (2005). Teorías explicativas y modelos preventivos de la conducta antisocial en adolescentes. *Medicina Psicosomática y Psiquiatría de Enlace*, 75, 22-39;
- Collins, V. E. & Carmody, D. C. (2011). Deadly Love: Images of Dating Violence in the “Twilight Saga”. *Affilia: Journal of Women and Social Work*, 26(4) 382-394. DOI: 10.1177/0886109911428425;
- Colman, R. A. & Widom, C. S. (2004). Childhood abuse and neglect and adult intimate relationships: a prospective study. *Child Abuse & Neglect*, 28, 1133-1151. doi:10.1016/j.chiabu.2004.02.005;
- Cornelius, T. L. & Resseguie, N. (2007). Primary and secondary prevention programs for dating violence: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 12, 364-375. doi:10.1016/j.avb.2006.09.006;
- Cornelius, T. L., Shorey, R. & Kunde, A. (2009). Legal consequences of dating violence: A critical review and directions for improved behavioral contingencies. *Aggression and Violent Behavior*, 14, 194-204. doi:10.1016/j.avb.2009.03.004;
- Cornelius, T., & Resseguie, N. (2007). Primary and secondary prevention programs for dating violence: A review of the literature. *Aggression and Violence Behavior*, 1, 364-375;
- Corvo, K. & deLara, E. (2010). Towards an integrated theory of relational violence: Is bullying a risk factor for domestic violence? *Aggression and Violent Behavior*, 15, 181-190. doi:10.1016/j.avb.2009.12.001;
- Costa, M. E. & Costa, C. (2000). *Violência familiar*. Porto: Ambar;
- Cuevas, C. A., Finkelhor, D., Turner, H. A. & Ormrod, R. K. (2007). Juvenile Delinquency and Victimization: A Theoretical Typology. *Journal of Interpersonal Violence*, 22 (12), 1581-1602. Doi 10.1177/0886260507306498;
- Curra, J. (2010). *The Relativity of Deviance*, (2th ed). Thousand Oaks, California: Sage Publications;
- Cusson, M. (2007). *Criminologia*, 2ª ed. Casa das Letras: Cruz Quebrada;

- Cyr, M., McDuff, P. & Wright, J. (2006). Prevalence and Predictors of Dating Violence Among Adolescent Female Victims of Child Sexual Abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 21(8), 1000-1017. Doi 10.1177/0886260506290201;
- Dahlberg, L. L. & Krug, E. G. (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178. doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007;
- Delsol, C. & Margolin, G. (2004). The role of family-of-origin violence in men's marital violence perpetration. *Clinical Psychology Review*, 24, 99-122. doi:10.1016/j.cpr.2003.12.001;
- Dias, F. & Andrade, C. (1997). *Criminologia: o homem delinquente e a sociedade criminológica*. Coimbra: Coimbra Editoras;
- Dias, M. I. (2004). *Violência na família: uma abordagem sociológica*. Afrontamento: Porto;
- Díaz, N. E. M. & Del Toro, V. R. (2012). Experiencias de violencia en el noviazgo de mujeres en Puerto Rico. *Revista Puertorriqueña de Psicología*, 23. Retrieved from <http://www.redalyc.org/pdf/2332/233224386003.pdf>;
- Dixe, M., Rodrigues, A., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., Dias, T. (2010). *A Violência de Gênero na Relação de Namoro em Estudantes do Ensino Superior: Práticas e Comportamentos de Violência*. VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia na Universidade do Minho. Braga: Portugal;
- Downey, G. & Feldman, S. I. (1996). Implications of Rejection Sensitivity for Intimate Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70 (6), 1327-1343. Retrieved from <http://www.ffri.uniri.hr/~ibrdar/komunikacija/seminari/Downey,%201996%20-%20Rejection%20Sensitivity%20for%20intimate%20relationsh.pdf>;
- Downey, G., Feldman, S. & Ayduk, O. (2000). Rejection sensitivity and male violence in romantic relationships. *Personal Relationships*, 7, 45-61;
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43, 105-124;
- Duarte, V. M. S. (2011). Os caminhos da Alice do outro lado do espelho: discursos e percursos na delinquência juvenil feminina. Tese de doutoramento em sociologia, Universidade do Minho: Braga;
- Durkheim, E. (1995). *As regras do método sociológico*. Lisboa: Editorial Presença;

- Dwairy, M. (2010). Parental Acceptance–Rejection: a Fourth Cross-Cultural Research on Parenting and Psychological Adjustment of Children. *Journal of child and family studies*, 19, 30-35;
- Eagly, A.H. & Steffen, V. J. (1986). Gender and aggressive behavior: A meta-analytic review of the social psychological literature. *Psychological Bulletin*, 100, 309-330;
- Faria, A. C., Cunha, I, & Felipe, Y. X. (2008). *Manual prático de monografias: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses*, 3ªed. Editora Vozes: Petrópolis;
- Farrington, D. P (2002). Fatores de risco para a violência juvenil. UNESCO: Brasil;
- Farrington, D. P. (2002). "Developmental criminology and risk-focused prevention". In Maguire, M.; et al. *The Oxford Handbook of Criminology* (3ª ed.). Oxford: Oxford University Press;
- Feijó, M. C. & Assis, S. G. (2004).O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. *Estudos de Psicologia*. 9(1), 157-166. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22391.pdf>;
- Ferreira, E. V. (2003). Violência e Insegurança Urbana: um Fenómeno em Crescimento ou em Transformação? O Caso da Área Metropolitana de Lisboa. *Cidades: Comunidades e Territórios*, 7, 37-57. Retrieved from http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/3344/1/Cidades2003-7_Ferreira.pdf;
- Ferreira, P. M. (1997). «Delinquência juvenil», família e escola. *Análise Social*, XXXII (143), 913-924. Retrieved from <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218793968M7uDQ9ah6Bb71JL6.pdf>;
- Ferreira, P. M. (2000). Controlo e identidade: a não conformidade durante a adolescência. *Sociologia, problemas e práticas*, 33, 55-85. Retrieved from http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0873-65292000000200004&script=sci_arttext;
- Fite, P. J. & Colder, C. R. (2007). Proactive and reactive aggression and peer delinquency implications for prevention and intervention. *Journal of Early Adolescence*, 27 (2), 223-240. Doi: 10.1177/0272431606294838;
- Fonseca, A. C. (2003). *Família, escola e comportamentos anti-social: uma visão do conjunto*. In Alberto, I., Fonseca, A. C., Albuquerque, C. P., Ferreira, A. G. & Rebelo, J. (2003). *Comportamento Anti-social: Escola e Família*. Coimbra: Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra;

- Fonseca, M., Soares, I. & Martins, C. (2006). Estilos de vinculação, orientação para o trabalho e relações profissionais. *Psicologia*, 20(1), 187-208. Retrieved from http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0874-20492006000100009&script=sci_arttext;
- Formiga, N. S. & Gouveia, V. V. (2003). Adaptação e validação da escala de condutas anti-sociais delitivas ao contexto brasileiro. *Revista Psicologia*, 34 (2), 367-388;
- Garcia, V. V. & Castro, R. (2008). Mi novio sería capaz de matarme?” Violencia en el noviazgo entre adolescentes de la Universidad Autónoma Chapingo, *México. Revista Latino Americana*, 6 (2), 709-738;
- Gomes, N. P., Diniz, N. M. F., Araújo, A. J. S. & Coelho, T. M. F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20 (4), 504-508;
- Gomes, S. (2011). *Criminalidade, etnicidade e desigualdades: O crime nos reclusos dos PALOP, Leste Europeu e de etnia cigana e as percepções dos guardas prisionais e dos elementos da direção acerca deles*. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais;
- Gonçalves, R. A. (2002), *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão*, Coimbra: Quarteto Editora;
- González, C. V. (2003). *Delincuencia juvenil. Consideraciones penales y Criminologias*. Colex: Madrid;
- Gonzalez-Ortega, I; Echeburúa, E & Coral, P. (2008). Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: una revisión. *Psicología Conductual*, 16 (2), 207-225. Retrieved from <http://www.uv.mx/cendhiu/files/2012/09/Variablespsic.manoella.pdf>;
- Gover, A. R., Park, M., Tomsich, E. A. & Jennings, W. G. (2011). Dating violence perpetration and victimization among South Korean college students: A Focus on Gender and Childhood Maltreatment. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(6) 1232-1263. DOI: 10.1177/0886260510368161;
- Guia, M. J. (2010), “Imigrantes e Criminalidade Violenta em Portugal: Que relação?”, Cabo dos Trabalhos, Coimbra: Centro de Estudos Sociais, nº4.
- Guia, M. J. (2012). *Imigração, crime e crimigração: Alteridades e paradoxos*. VII Congresso Português de Sociologia. Porto: Universidade do Porto;
- Guidi, E., Magnatta, G. & Meringolo, P. (2012). Teen dating violence: The need for early prevention. *Interdisciplinary Journal of Family Studies*, XVII(1), 181-196.

http://unipress.cab.unipd.it/istanze/test-mimbo/volume-17-1-1/teen-dating-violence-the-need-for-early-prevention/XVII_1_13-Guidi-Magnatta-Meringolo.pdf;

- Guimarães, S. P. & Campos, P. (2007). Norma Social Violenta: Um Estudo da Representação Social da Violência em Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 188-196. doi.org/10.1590/S0102-79722007000200003;
- Hanson, R. F. (2002). Adolescent dating violence: prevalence and psychological outcomes. *Child Abuse & Neglect*, 26, 447-451;
- Harris, M. B. (1996). Aggression, gender, and ethnicity. *Aggression and Violent Behavior*, 1(2), 123-146;
- Hawkins, D. F., Laub, J. H., Lauritsen, J. L. & Cothorn, L. (2000). *Race, ethnicity, and serious and violent juvenile offending*. Washington, DC: U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs, Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention. Retrieved from <http://people.wku.edu/john.faine/soc332/racedel.pdf>;
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H. & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence, & Abuse*, 5(2), 123-142. Retrieved from http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/reprints/2005/RAND_RP1176.pdf;
- Hunter, J. A. (2004). Developmental Pathways in Youth Sexual Aggression and Delinquency: Risk Factors and Mediators. *Journal of Family Violence*, 19(4), 233-242. Retrieved from <http://www.u.arizona.edu/~ajf/pdf/Hunter%20et%20al%202004.pdf>;
- Hussain, S. & Munaf, S. (2012). Perceived father acceptance-rejection in childhood and psychological adjustment in adulthood. *International Journal of Business and Social Science*, 3(1), 149-156. Retrieved from http://www.ijbssnet.com/journals/Vol_3_No_1_January_2012/16.pdf;
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 4, 233-247;
- Johnson, M. C. & Menard, S. (2012). A longitudinal study of delinquency abstention: differences between life-course abstainers and offenders from adolescence into adulthood. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 10 (3) 278-291. DOI: 10.1177/1541204011427714;

- Kelly, P. J., Peralez-Dieckmann, E. & Martinez, E. (2009). Dating Violence and Girls in the Juvenile Justice System. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(9), 1536-155. DOI: 10.1177/0886260508323664;
- Kross, E., Egner, T. Ochsner, K. Hirsch, J. & Downey, G. (2007). Neural dynamics of rejection sensitivity. *Journal of Cognitive Neuroscience*;
- Laranjeira, C. A. (2007). A análise psicossocial do jovem delinquente: uma revisão da literatura. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 221-227. doi.org/10.1590/S1413-73722007000200002;
- Lavoie, F., Hébert, M., Tremblay, R., Vitaro, F., D., Vézina, L. & McDuff, P. (2002). History of Family Dysfunction and Perpetration of Dating Violence by Adolescent Boys: A Longitudinal Study. *Journal of Adolescent Health*, 30, 375-383;
- Lavoie, F., Robitaille, L. & Hébert, M. (2000). Teen dating relationships aggression. An exploratory study. *Violence Against Women*, 6, 6-36;
- Le Blanc, M. (2008). *Evolução de delinquência oculta e oficial dos adolescentes quebequenses de 1930 a 2000*. In Le Blanc, M., Ouimet, M. & Szabo, D. (Coord). (2008). *Tratado de Criminologia Empírica*. Lisboa: Climepsi Editores;
- Le Blanc, M. (2008). *O Comportamento delinquente dos adolescentes: o seu desenvolvimento e a sua explicação*. In Le Blanc, M., Ouimet, M. & Szabo, D. (Coord). (2008). *Tratado de Criminologia Empírica*. Lisboa: Climepsi Editores;
- Le Blanc, M., Ouimet, M. & Szabo, P. (2008). *Tratado de Criminologia Empírica*. Lisboa: Climepsi Editores;
- Le, T. N. & Stockdale, G. D. (2011). Influence of Generational Status on Developmental Trajectories of Delinquency for Asian, African American, Hispanic, and White Youth. *Asian American Journal of Psychology*, 2 (4), 306-315;
- Lemos, I. T. (2010). Risco psicossocial e psicopatologia em adolescentes com percurso delinquente. *Análise Psicológica*. 28(1), 117-132. Retrieved from http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312010000100009&script=sci_arttext;
- Lewis, S. F. & Fremouw, W. (2001). Dating violence: a critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21(1), 105-127;
- Lila, M., García, F. & Gracia, E. (2007). Perceived Paternal and Maternal Acceptance and Children's Outcomes in Colombia. *Social Behavior and Personality*, 35(1), 115-124. Retrieved from

http://www.uv.es/~mslila/enriquegracia/docs/scanner/11_-

[Perceived paternal and maternal.pdf](#);

- Lisboa, A. M. P (2008). A Pobreza, um Livre Trânsito para a Delinquência Juvenil? Doutoramento em Sociologia Económica e das Organizações: Universidade Técnica de Lisboa;
- Loeber, R & Farrington D.P. (2001). *Child Delinquents: Development, Intervention and Service Needs*. Sage Publications;
- Lourenço, N. & Lisboa, M. (1996). *Violência, Criminalidade e Sentimento de Insegurança*. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários. Nº 2;
- Machado, C; Matos, M.; Gonçalves, M. M. (2000). *Manual da escala de crenças sobre a violência conjugal e do inventário de violência conjugal*. Psiquilibrios;
- Machado, H. (2008). *Manual de Sociologia do Crime*. Porto: Edições Afrontamento;
- Magdol, L., Moffitt, T. E., Caspi, A., Newman, D. L., Fagan, J., & Silva, P. A. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-year-olds: Bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(1), 68-78;
- Malheiros, J. M. & Mendes, M. (coord.), Barbosa, C. E., Silva, S. B., Schiltz, A. & Vala, F. (2007). Espaços e expressões de conflito e tensão entre autóctones, minorias migrantes e não migrantes na área metropolitana de Lisboa. Lisboa: ACIME;
- Mars, T. & Valdez, A. M. (2007). Adolescent Dating Violence: Understanding What Is “At Risk?” *Journal of Emergency Nursing*, 33,492-494. doi: 10.1016/j.jen.2007.06.009;
- Martin (2005). *Juvenile Delinquency: Theories of Causation*. Sage publication;
- Martínez, R. & Lee, M. T. (2004). Inmigración y delincuencia. *Revista de Española de Investigación Criminológica*. Retrieved from <http://www.criminologia.net/pdf/reic/ano2-2004/a22004nota1.pdf>;
- Martins, M. J. D. (2005). Condutas agressivas na adolescência: Factores de risco e de protecção. *Análise Psicológica*, 2 (XXIII), 129-135. Retrieved from <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v23n2/v23n2a05.pdf>;
- Matos, M. (2000). *Violência conjugal: o processo de construção da identidade da mulher*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Psicologia, na especialidade de Psicologia da Justiça. Braga: Universidade do Minho;

- Matos, M., Machado, C., Caridade, S. & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 55-75;
- McLaughlin, E. Muncie, J. & Hughes, G. (2008). *Criminological Perspectives: Essential Readings* (2th ed.). Sage publication;
- Megens, K. C. I. M. & Weerman, F. M. W. (2012). The Social Transmission of Delinquency: Effects of Peer Attitudes and Behavior Revisited. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 49 (3) 420-443. DOI: 10.1177/0022427811408432;
- Merton, R. K. (1995). *Teoría y estructura sociales*. 3ªed. México: Fondo de Cultura Económica;
- Miller, H. V. (2012). Correlates of Delinquency and Victimization in a Sample of Hispanic Youth. *International Criminal Justice Review*, 22 (2) 153-170. DOI: 10.1177/1057567712444922;
- Mucchielli, L. (2012). La evolución de la delincuencia de menores en Francia: entre criminalización, judicialización y guetización. *Estudios Socio-Jurídicos*, 14(1), 59-93. Retrieved from <http://www.scielo.org.co/pdf/esju/v14n1/v14n1a04.pdf>;
- Nardi, F. L. & Dell'aglio, D. D. (2010). Delinquência juvenil: uma revisão teórica. *Acta Colombiana de Psicología*, 13 (2), 69-77. Retrieved from http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123-91552010000200007&script=sci_arttext;
- Negreiros, J. (2001). *Delinquências Juvenis: Trajetórias, Intervenções e Prevenção*. Lisboa: Notícias Editorial;
- Neves, A. S. A. (2003). Amor, Poder e Violência (s) contra as mulheres: a importância do género nas relações íntimas. *Psicologia: Teoria, Investigação e prática*, 8(1), 133-144;
- Neves, A. S. A. (2005). A (Des) Construção dos discursos Genderizados sobre o Amor, o Poder e a Violência nas relações Intimas: Metodologias Feministas na Psicologia Social Crítica. Tese de doutoramento em Psicologia Social: Universidade do Minho;
- Oesterle, S., Hawkins, J. D., Steketee, M., Jonkman, H., Brown, E. C., Moll, M. & Haggerty, K. P. (2012). A Cross-National Comparison of Risk and Protective Factors for Adolescent Drug Use and Delinquency in the United States and the

- Netherlands. *Journal of Drug Issues*, 42(4) 337-357. DOI: 10.1177/0022042612461769;
- Oliveira, É.C.S. (2007). Martins, S. T. F. “Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. *Psicologia & Sociedade*. 19 (1): 90-98. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n1/a13v19n1.pdf>;
- Oliveira, J., Amâncio, L. (2006). Teorias feministas e representações sociais: desafio dos conhecimentos situados para a psicologia social. *Estudos Feministas*, 14 (3). 597-615. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a02v14n3.pdf>;
- Oliveira, M., Sani, A. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 162-170. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. Retrieved from http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1325/1/162-170_FCHS06-6.pdf;
- Olsen, J. P., Parra, G. R. & Bennett, S. A. (2010). Predicting violence in romantic relationships during adolescence and emerging adulthood: A critical review of the mechanisms by which familial and peer influences operate. *Clinical Psychology Review*, 30, 411-422. doi:10.1016/j.cpr.2010.02.002;
- Ornelas, R. A. J. (2005). La delincuencia juvenil: fenómeno de la sociedade atual. *Papeles de Población*, 43, 215-261;
- Pais, J. (1996). Levantamento bibliográfico de pesquisas sobre a juventude portuguesa – Tradições e mudanças (1985-1995). *Sociologia: Problemas e Práticas*, 21, 197-121. Retrieved from <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/19/195.pdf>;
- Paiva, C., Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4 (2), 165-184;
- Paiva, C., Figueiredo, B. (2004). *Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses*. Psychologica, 36, 75-107. Braga: Departamento de Psicologia da Universidade do Minho. Retrieved from http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-00862003000200001&script=sci_arttext
- Perren, S. & Hornung, R. (2005). Bullying and Delinquency in Adolescence: Victims and Perpetrators Family and Peer Relations. *Swiss Journal of Psychology*, 64(1), 51-64. DOI 10.1024/1421-0185.64.4.51;
- Pimentel, A. (2001). O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, 114, 179-195;

- Pinheiro, F. D. R. (2011). Violência no namoro entre jovens imigrantes cabo-verdianos em Portugal. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e de Saúde, ISMAI;
- Powell, D., Perreira, K. M. & Harris, K. M. (2010). Trajectories of delinquency from adolescence to adulthood. *Youth & Society*, 41(4), 475-502. DOI: 10.1177/0044118X09338503;
- Redondo, L. M. & Otero-López, J. M. (2005). *Jóvenes Delincuentes*. Barcelona: Editorial Ariel;
- Ribeiro, M. C. O. & Sani, A. I. (2008). As crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal. Porto: *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*. 176-186;
- Rohner, R. P. & Khaleque, A. (2002). Reliability of measures assessing the relation between perceived parental acceptance-rejection and psychological adjustment: Meta-analysis of cross-cultural and intracultural studies. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 33, 87-99;
- Rohner, R. P. & Veneziano, R. A. (2001). The importance of father love: History and contemporary evidence. *General Psychology*, 5 (4), 382-405;
- Rohner, R. P. (2000). The Warmth Dimension. Foundations of Parental Acceptance-Rejection Theory;
- Rohner, R. P. (2004). The parental "acceptance-rejection syndrome": Universal correlates of perceived rejection. *American Psychologist*, 59, 827-840;
- Rohner, R. P. (2005). *Glossary Of Significant Concepts In Parental Acceptance-Rejection Theory (PARTheory)*.
- Rohner, R. P. (2006). Corporal punishment, parental acceptance-rejection, and youthspsychological adjustment. *Cross-Cultural Research*, 40,(3)
- Rohner, R. P. (2007). Interpersonal acceptance. *International Society for Interpersonal Acceptance and Rejection*. 1 (1), 1-6;
- Rohner, R. P., & Khaleque, A. (2005). *Parental acceptance-rejection: Theory, methods, and cross-cultural evidence*. Rohner Research Publications.
- Rohner, R. P., Khaleque, A. & Cournoyer, D. E. (2009). *Introduction to parental acceptance-rejection theory, Methods, evidence, and implications*;
- Rohner, R., Khaleque, A., Cournoyer, D., (2012). *Introduction To Parental Accetance-Rejection Theory, Methods, Evidence, And Implications*;
- Romero-Canyas, R., Downey, G., Berenson, K., Ayduk, O. & Jan Kang, N. (2010). Sensibilidade rejeição e a rejeição Hostilidade Ligação em relacionamentos

- românticos. *Journal of Personality*, 78(1). DOI: 10.1111/j.1467-6494.2009.00611.x;
- Rothbard, J. C., & Shaver, P. R. (1994). Continuity of attachment across the life span. In M. B. Sperling, & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults*. Clinical and developmental perspectives(31-71). New York: Guildford Press;
- Rubio-Garay, F., López-González, M. A., Saúl, L. A. & Sánchez-Elvira-Paniagua, A. (2012). Direccionalidad y expresión de la violencia en las relaciones de noviazgo de los jóvenes. *Acción Psicológica*, 9(1), 61-70. Doi:<http://dx.doi.org/10.5944/ap.9-1-437>;
- Saavedra, R. M. M. (2011). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis*. Tese de Doutoramento em Psicologia Especialidade de Psicologia da Justiça: Universidade do Minho;
- Sanches, C. & Gouveia-pereira, M. (2010). Julgamentos de justiça em contexto escolar e comportamentos desviantes na adolescência. *Análise Psicológica*, 1 (XXVIII), 71-84. Retrieved from http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312010000100006&script=sci_arttext;
- Santana, J. S. S. & Camargo, C. L. (2005). Violência contra crianças e adolescentes: um ponto de vista da saúde. *Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras*, 5(1), 47-54. Retrieved from http://www.sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol5-n1/v.5_n.1-art6.refl-violencia-contra-a-crianca-e-o-adolescente.pdf;
- Santiago, Á. V., Chafey, M. I. J., Casellas, M. C. & Santos, S. C. (2010). Un modelo de consejería grupal para estudiantes impactadas por la violencia: Group counseling for dating violence, *Revista de ciências sociais*, 45-58. Retrieved from <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/icap/unpan046957.pdf>;
- Santos, B. S. (dir.), Gomes, C. (coord.) (2010). *Entre a Lei e a Prática. Subsídios para uma Reforma da Lei Tutelar Educativa*. Coimbra: Observatório Permanente da Justiça Portuguesa, Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra;
- Santos, B. S. (dir.); Gomes, C. (coord.) (2004), *Os caminhos difíceis da nova justiça tutelar educativa*. Coimbra: observatório Permanente da Justiça Portuguesa, Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra;

- Schiff, M. & Zeira, A. (2008). Dating violence and sexual risk behaviors in a sample of at-risk Israeli youth. *Child Abuse & Neglect*, 29, 1249–1263. doi:10.1016/j.chiabu.2005.04.007;
- Seabra, H. M. (2005). Delinquência a preto e branco: Estudos de jovens em reinserção. Lisboa: ACIME;
- Shorey, R. C., Cornelius, T. L. & Bell, K. M. (2008). A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. *Aggression and Violent Behavior*, 13, 185-194. doi:10.1016/j.avb.2008.03.003;
- Shorey, R. C., Zucosky, H., Brasfield, H., Febres, J., Cornelius, T. L., Sage, C. & Stuart, G. L. (2012). Dating violence prevention programming: Directions for future interventions. *Aggression and Violent Behavior*, 17, 289-296. doi:10.1016/j.avb.2012.03.001;
- Siegel, L. (2012). *Criminology*. USA, Cengage Learning;
- Silva, D. F. M. (2002). *O desenvolvimento das trajetórias do comportamento delinquente em adolescentes infratores*. Tese de Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
- Silveira, E. M., 1999. Meninas em Conflito com a Lei : Chapeuzinho Vermelho ou Lobo Mal? Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará.
- Sistema de Segurança Interna (2010). Relatório anual da Segurança Interna. http://www.portugal.gov.pt/media/564302/rasi_2010.pdf
- Sistema de Segurança Interna (2011). Relatório anual da Segurança Interna. http://www.portugal.gov.pt/media/555724/2012-03-30_relato_anual_seguranca_interna.pdf
- Sistema de Segurança Interna (2012). Relatório anual da Segurança Interna. http://www.portugal.gov.pt/media/904058/20130327_RASI%202012_vers%C3%A3o%20final.pdf
- Soler, M. Rios, O. Flecha, A. F. Serrano, M. A. & Pulido, C. (2006). Violência de género en las universidades españolas. XII Conferencia de Sociología de la Educación: Logroño;
- Souza, E. M., Silva-Abrão, F. P. & Oliveira-Almeida, J. (2011). Desigualdade social, delinquência e depressão: Um estudo com adolescentes em conflito com a lei. *Revista de Salud Pública*, 13 (1), 13-26;

- Spohn, R. E. & Kurtz, D. L. (2011). Family Structure as a Social Context for Family Conflict: Unjust Strain and Serious Delinquency. *Criminal Justice Review*, 36 (3), 332-356. DOI: 10.1177/0734016811402495;
- Sprinthal, N. A. & Collins, W. A. (1999). *Psicologia do adolescente : uma abordagem desenvolvimentista*. 2ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa;
- Stevens, J., May, D., Rice, N. & Jarjoura, G. R. (2011). Nonsocial versus social reinforcers: contrasting theoretical perspectives on repetitive serious delinquency and drug use. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 9 (4) 295-312. DOI: 10.1177/1541204011409764;
- Sutherland, E. & Cressey, D. (1966). *Principes de Criminologie*. Paris: Cujas;
- Swart, L., Stevens, M. S. G. & Ricardo, I. (2002). Violence in adolescents' romantic relationships: findings from a survey amongst school-going youth in a South African community. *Journal of Adolescence*, 25, 385-395;
- Telles, T. S., Carlos, V. Y., Camara, C. B., Barros, M. N. F., & Suguihiro, V. L. T. (2006). Criminalidade Juvenil: a vulnerabilidade dos adolescentes. *Revista de Psicologia da UNESP*, 5(1), 28-40 ;
- Thompson, W. E. & Bynum, J. E. (1991). *Juvenile Delinquency: Classic and contemporary readings*. Boston: Allyn and Bacon;
- Tyler, K. A., Brownridge, D. A. & Melander, L. A. (2011). The Effect of Poor Parenting on Male and Female Dating Violence Perpetration and Victimization. *Violence and Victims* 26:2 (2011), pp. 218-230. doi: 10.1891/0886-6708.26.2.218;
- Tyler, K. A. & Melander, L. (2012). Poor Parenting and Antisocial Behavior Among Homeless Young Adults : Links to Dating Violence Perpetration and Victimization. *Journal of Interpersonal Violence*, 27 (7) 1357–1373. doi: 10.1177/0886260511425244;
- Valença, A. M., Nascimento, I., Mecler, K., Freire, R., Mezzasalma, M. A., Leão, V. & Nardi, A. E. (2010). Comportamento violento, gênero e psicopatologia. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, 13(2), 238-252. doi.org/10.1590/S1415-47142010000200006;
- Ventura, A. (1999). *Clima de trabalho e eficácia da escola*. Àtica: São Paulo;
- Volz, A. (2007). *Investigating the relational dynamics associated with adolescent dating violence: The roles of rejection sensitivity and relational insecurity*. Faculty of

- Miami University in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Arts Department of Psychology, Miami University Oxford. Ohio;
- Volz, A. R. & Kerig, P. K. (2010). Relational Dynamics Associated with Adolescent Dating Violence: The Roles of Rejection Sensitivity and Relational Insecurity. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19(6), 587-602. doi.org/10.1080/10926771.2010.502088;
- Waegel, W. B. (1989). Delinquency and juvenile control: a sociological perspective. New Jersey;
- Wekerle, C. & Wolfe, D. A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychology Review*, 19(4), 435-456;
- Wesselmann, E. D., Butler, F. A., Williams, K. D. & Pickett, C. L. (2010). Adding Injury to Insult: Unexpected Rejection Leads to More Aggressive Responses. *Aggressive Behavior*, 36, 232-237;
- Wolfe, D., Wekerle, C. (2003). Dating Violence Prevention With At-Risk Youth: A Controlled Outcome Evaluation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71 (2), 279-291;
- Wong, T. M. L., Slotboom, A. M. & Bijleveld, C. C. J. H. (2010). Risk factors for delinquency. DOI: 10.1177/1477370810363374;
- Zdun, S. (2011). Immigration as a trigger to knife off from delinquency? Desistance and persistence among male adolescents from the Former Soviet Union in Germany. *Criminology & Criminal Justice*, 11 (4) 307-323. DOI: 10.1177/1748895811408835;

Anexos

Anexo 1- Memorando

Anexo 2 - Guião de entrevista

Anexo 3 - Consentimento de informado

Anexo 4 - Breve caracterização dos jovens entrevistados

CEM2- João, 15 anos, nacionalidade Portuguesa, residente numa zona problemática da região de Lisboa filho de pais cabo-verdianos, veio para Portugal em 2008, a mãe veio quando tinha poucos meses de vida, ficando sob o cuidado dos avós. Frequenta o curso de EFA⁴ B3 de eletricidade. Deu entrada no CE em julho de 2012 para cumprir medida de internamento em regime semiaberto por um período de 12 meses. Cometeu crimes de roubo e assalto. Consumia haxixe.

CEM7- Alberto, 16 anos, nacionalidade Guineense, residente numa zona problemática na região de Lisboa, veio para Portugal em 2009, frequenta o curso de EFA B2, Pintor de construção Civil. Veio para Portugal para tratar de problemas de saúde (visão). Deu entrada no centro educativo em outubro de 2012, para cumprir medida de internamento em regime semiaberto por um período de 12 meses. Cometeu crimes de roubo, agressão e ofensas à integridade física. Consumia haxixe e bebidas alcoólicas.

CEM10- Miguel, 17 anos, nacionalidade Cabo-Verdiana, residente num bairro social problemático e conotado com elevadas percentagens de criminalidade e tráfico de droga, na região de Lisboa, veio para Portugal em 2008, frequenta o curso de EFA B2 pintura de construção civil, filho de pais separados. Deu entrada no CE em fevereiro de 2013, está sob medida Cautelar de Guarda, cometeu crimes de roubo, coerção sexual e devassa da vida privada. Consumia bebidas alcoólicas.

CEM13- Paulo, 18 anos, nacionalidade Brasileira, reside na região de Lisboa, veio para Portugal em 2002. Frequenta o curso EFA B2 Pintura de construção civil, apresenta dificuldades escolares acentuadas. O crescimento do jovem ocorreu num ambiente familiar economicamente desfavorecido e desorganizado, sendo vítima de maus-tratos e negligência familiar. Usufruiu de várias medidas de promoção e proteção (acompanhamento educativo, acolhimento institucional). Deu entrada no CE em março de 2012 para cumprir medida em regime de internamento semiaberto por um período de 24 meses. Cometeu diversos crimes de roubo e furto, ofensa à integridade física simples e qualificada.

CEM25- Pedro, 16 anos, nacionalidade Angolana, reside num bairro social com elevadas problemáticas ao nível da marginalidade e exclusão social, na região de Lisboa, veio para Portugal em 2011, aquando da entrada no centro educativo não estava a frequentar nenhum estabelecimento educativo, frequenta o curso EFA B3 em Marcenaria. O jovem é vítima de

⁴ Educação e Formação de Adultos

maus-tratos e negligência por parte do pai e da madrasta. Deu entrada no CE em março de 2013, está sob a medida cautelar da guarda, cometeu crimes de roubo em co-autoria na forma consumada. Consumia haxixe e bebidas alcoólicas.
CEMA2- Carlos, 17 anos, apátrida, nasceu em Lisboa, filho de mãe santomense e pai cabo-verdiano. Vivia numa instituição, frequenta o Curso de EFA B2 de Jardinagem e Espaços Verdes. Percurso escolar irregular, com diversas retenções, desinteresse pelo processo de aprendizagem e elevado grau de absentismo. Já tinha sido sinalizado pela CPCJ no âmbito da promoção e proteção (varias medidas). Deu entrada no CE em julho de 2011 para cumprir medida de internamento em regime semiaberto por um período de 24 meses. Cometeu crimes de furto, injúrias e ameaças agravadas, ofensa à integridade física simples e qualificada.
CEMA3- Mário, 20 anos, nacionalidade Portuguesa, filho de pais cabo-verdianos, foi abandonado pela mãe aos cuidados da avó materna, com poucos dias de vida, desconhecendo-se o paradeiro daquela. Reside numa habitação social, num bairro sinalizado com algumas problemáticas de exclusão social e pequena criminalidade, associada ao universo das drogas na região autónoma de Madeira. Frequenta curso EFA B2 de Jardinagem e Espaços Verdes. Deu entrada no CE em março de 2011 para cumprir medida de internamento em regime semiaberto, por um período de 24 meses. Cometeu crimes de roubo, dano, violência doméstica e furto qualificado na forma tentada.
CEMA4- Manuel, 17 anos, nacionalidade Portuguesa, filho de pais cabo-verdianos, reside numa zona problemática da região de Lisboa. Percurso caracterizado pelo insucesso, absentismo precoce e abandono, com dificuldades em cumprir regras e orientações. Frequenta o curso EFA B3 de dupla certificação de Cozinha. Deu entrada no CE em setembro de 2012 para cumprir medida de internamento em regime semiaberto por um período de 12 meses. Cometeu crimes contra a propriedade e de roubo. Foi alvo de intervenção da CPCJ no âmbito do processo de promoção e proteção. Consumia haxixe
CEMA5- Rui, 17 anos, nacionalidade cabo-verdiana, reside numa zona muito problemática conotada com elevados índices de tráfico de droga e criminalidade na região de Lisboa, veio para Portugal em 2009 para conhecer o pai. Revelou dificuldades de adaptação ao contexto sociocultural e à estrutura linguística matricial; vítima de maus-tratos e negligência por parte do pai. Frequenta o curso EFA B3 de Cozinha, porém está matriculado numa escola regular para frequentar o 10º ano. As dificuldades de integração escolar estão na origem do percurso desviante. Deu entrada no CE em setembro de 2012 para cumprir medida de internamento em regime semiaberto por um período de 12 meses. Cometeu crimes de roubo, dano, coação na forma tentada, detenção de arma proibida e ofensa à integridade física qualificada.
CEC10- Gustavo, 18 anos, nacionalidade Portuguesa, filho de pais Cabo-Verdianos, reside num

bairro social habitado maioritariamente por população de fracos recursos financeiros e conotada com problemáticas sociais ligadas à marginalidade, na região de Lisboa, veio para Portugal em 2002 para tratar de questões de saúde (problemas nos rins). Frequenta o EFA B, apresenta dificuldades escolares. Evidencia acentuadas problemas familiares. Deu entrada no CE em fevereiro de 2011 para cumprir medida de internamento em regime semiaberto. Cometeu crimes de roubo e furto na forma agravada.